

## 7

### A MASCULINIDADE NA CLÍNICA: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO

No presente capítulo, apresentam-se os principais resultados da pesquisa. Ressalta-se que na pesquisa buscou-se investigar o cliente masculino e como ele tem reagido às recentes mudanças nas relações de gênero, segundo o olhar do psicólogo clínico.

#### 7.1

##### Apresentação dos resultados

##### 7.1.1

##### Reação dos entrevistados ao tema

Todos os entrevistados, de alguma forma, foram cuidadosos ao se pronunciarem sobre os temas abordados, seja tentando delimitar melhor o que estava sendo investigado, ou fazendo ressalvas após algumas de suas afirmações.

Seis sujeitos mostraram-se mais cautelosos ao longo da entrevista, tentando se apropriar melhor do que estava sendo investigado, fazendo mais ressalvas após suas afirmações. Três deles destacam-se por terem sido mais reticentes, negando-se, inclusive, a responder perguntas. Elisa, por exemplo, através de perguntas, tentou apropriar-se mais do tema em questão:

[Fale sobre a clientela masculina.] Em que aspectos? [Em todos que lhe vierem a sua cabeça.] É que eu não sei exatamente no que você está interessada. Eu penso assim... diferenças e semelhanças entre homens e mulheres? Ou a mudança do sexo do cliente ao longo dessa prática? [Elisa]

Rosa, por sua vez, fez ressalvas após suas afirmações.

“A predominância de pacientes homens que me procuraram com uma patologia não tão grave quanto a feminina é o que eu posso afirmar. Não sei se afirmar, porque o que estou fazendo aqui... o que estou te dizendo, são 28 anos para lembrar. Certamente que eu não tenho a menor condição de te dar a certeza disso que eu estou afirmando. Eu teria que parar, pensar, fazer um levantamento, ver quem é quem.” [Rosa]

Adriano, evitou desenvolver suas respostas, sendo sucinto, e, em alguns

momentos, irônico:

“[Gostaria que você falasse sobre a clientela masculina.] Se você me fizer as perguntas eu falo.[Existe alguma característica comum aos clientes masculinos?] São homens.” [Adriano]

Os quatro demais entrevistados da pesquisa trataram os temas abordados com mais naturalidade. Eles responderam prontamente às questões, sem fazer demasiadas perguntas, e fizeram menos ressalvas após suas afirmações. A fala de Felipe é ilustrativa:

“Olha, normalmente, eu acho que comigo, como com todos, a quantidade de homens é muito menor do que a de mulheres...” [Felipe]

Ressalta-se que todos os entrevistados fizeram ressalvas após algumas de suas afirmações. Eles salientaram, principalmente, a singularidade de cada indivíduo, como se observa no relato de Letícia:

“(...) Eu acho que têm características masculinas e femininas que são muito marcantes. Não é que eu esteja preparada para ver daquela forma, com aquele sujeito. Porque cada sujeito é um sujeito. Mas tem alguma coisa que sempre se repete.” [Letícia]

Destaca-se, porém, que apesar de todos os cuidados apresentados pelos entrevistados ao longo da entrevista, todos eles, em algum momento, fizeram afirmações generalistas sobre homens e mulheres - como se observa na categoria 7.1.6. Quatro deles chegaram a citar histórias pessoais para ilustrar seus pontos de vista sobre as relações entre homens e mulheres. Almir, por exemplo, ao falar da condição masculina, comentou:

“... eu me lembro quando era pequeno... eu tinha inveja da minha irmã. Porque minha irmã não tinha essa preocupação de ter que ir à luta, de trabalhar, de arranjar. Ela podia ficar tranqüila...” [Almir]

Sabrina também recorreu à história familiar, porém, para explicar sua maior habilidade em trabalhar com clientes homens:

“Eu tenho um perfil masculino muito desenvolvido. Então, eu acho que isso me ajuda muito... meu pai queria ter filhos homens, e nós fomos duas meninas, duas moças. Ele não se fez de rogado. Só dava brinquedo de menino, levava a gente para o Maracanã. Eu aprendi a jogar futebol, vôlei, jogos de raquete, brincar de tênis. Meus brinquedos eram bolas de gude, revólver... quando eu fui descobrir que existia um universo feminino... eu já tinha aprendido muito sobre o universo

masculino. Sobre conversar sobre futebol, como homem. Porque ficava aquele grupo todo, e a gente ficava ali escutando aquelas conversas todas.” [Sabrina]

Destaca-se, dentre todas as entrevistas, que apenas um sujeito, Rodrigo, afirmou que poderia estar respondendo não por sua experiência clínica, mas baseado em suas crenças pessoais sobre homens e mulheres.

“Se eu for te responder, vou te responder não a partir da experiência com a minha clientela. Vou te responder a partir de concepções que eu já tenho sobre diferenças de gênero, entendeu? Acho que não vou estar te respondendo a partir dessa experiência específica da minha clínica.” [Rodrigo]

### 7.1.2

#### Concepção de gênero

Todos os sujeitos referiram-se ao termo “gênero” como sendo sinônimo do sexo biológico, isto é, homem ou mulher. Salienta-se que somente Cláudio, que se dedica aos estudos de gênero, apresentou, em poucos momentos da entrevista, o termo citado com o sentido utilizado nos estudos de gênero. O discurso de Rosa ilustra bem a concepção de gênero empregue, em geral, pelos entrevistados:

“... eu não sei nem se a terminologia gênero já abrangeu isso. Ou se continua sendo gênero, homem e mulher.” [Rosa]

Este emprego denotativo do termo, ou seja, como sinônimo de homem e mulher, estabelece gênero como algo natural aos indivíduos. Isto é possível observar, de forma mais explícita, no comentário de Letícia sobre a “natureza” dos homens:

“[Há peculiaridades na clientela masculina?] É claro. É sempre diferente. O homem, ele tem um pouco mais de dificuldade de buscar a psicoterapia. O homem, por natureza, ele se considera sempre muito auto-suficiente. São aqueles traços de personalidade masculina, que dificultam essa decisão para ele.” [Letícia, grifo nosso]

Destaca-se que todos os entrevistados, na maioria das vezes que se referiam a um sexo, citavam o outro, seja fazendo uso de comparações, ou usando o outro sexo como contraponto. Salienta-se que não foi solicitado aos entrevistados, ao longo das entrevistas, traçar comparações entre homens e mulheres. Esta conduta dos entrevistados, ora transmite a idéia de oposição, ora de complementaridade entre os sexos. Isto pode ser observado nos discursos abaixo:

“...os homens são mais retraídos do que as mulheres. Eles são menos afetivos, menos emocionais. As mulheres são mais...” [Adriano]

“Eu estava falando da mulher para falar do homem.” [Almir]

“(...) Então, é muito interessante. Um completa o outro. É importante.” [Letícia]

Seis entrevistados referiram-se às relações de gênero como relações amorosas heterossexuais, conforme ilustra o relato de Elisa:

“[Qual sua opinião sobre as relações de gênero?] (...) Eu acho que, como em qualquer relação humana, pode ser mais fácil ou mais difícil, ou mais cheia de conflito ou menos cheia de conflito. Eu não vejo homens e mulheres muito satisfeitos quando eles não encontram um relacionamento satisfatório ao longo da vida.” [Elisa]

Outro sujeito, Sabrina, embora também tenha se referido às relações de gênero como relações amorosas, compreendeu que se tratam das relações entre indivíduos homossexuais.

“[Qual sua opinião sobre as relações de gênero?] (...) no momento eu não estou atendendo nenhum homem homossexual. Mas problema de relacionamento são questões de relacionamento em geral. Eu já atendi casais de homossexuais. Já atendi muitos homossexuais masculinos.” [Sabrina]

Estes dados evidenciam a naturalização de gênero como um sistema binário e heterossexual, assim como a presença de uma perspectiva romântica sobre as relações de gênero pela maioria dos entrevistados.

Somente três entrevistados, ao falarem sobre relações de gênero, discorreram sobre as expectativas sociais existentes sobre homens e mulheres. Cláudio, por exemplo, comentou sobre as transformações nas relações de gênero e seus dilemas:

“Sobre as atuais relações de gênero? Eu acho que a gente está vivendo uma transformação... assim, de um padrão mais antigo para um padrão mais contemporâneo de gênero. Questionamentos sobre os esquemas de gênero. Se é que a gente pode falar assim. Quais são as expectativas que a gente tem sobre o comportamento dos homens e das mulheres? O quanto isso é bom por um lado, porque define. E é ruim por outro, porque aprisiona.” [Cláudio]

### 7.1.3 Gênero na clínica

Seis entrevistados afirmaram não trabalhar com a categoria “sexo” em sua

clínica. Eles alegam que o sexo do cliente não é relevante em sua prática clínica, seja devido a sua própria abordagem prática, ou devido à abordagem teórica a qual são filiados. Adriano, por exemplo, explicou que em sua prática não atenta para as diferenças entre os sexos:

“(...) Da mesma maneira como eu não utilizo categorias de diagnóstico, eu também não volto minha atenção para as diferenças de gênero.” [Adriano]

Márcia explicou que em sua abordagem teórica, Existencial-Humanista, o sexo do cliente não é relevante.

“Então, é aí que eu te digo. Talvez pela perspectiva que a gente abrace, que não lida com questão edípica, o gênero não faz a menor diferença.” [Márcia]

Os quatro demais entrevistados, no entanto, deixaram claro o valor da categoria “sexo” em sua prática clínica. Contudo, faz-se importante salientar que três deles levam em conta a categoria “sexo”, concebendo diferenças essenciais entre homens e mulheres, conforme explicita o discurso de Letícia:

“Fica muito delimitado mesmo, esse é o homem, essa é a mulher. Eu acho muito interessante você poder trabalhar com esses dois gêneros...” [Letícia]

O entrevistado que se destaca no grupo acima é Cláudio. Embora trabalhe com grupos de homens e leciona sobre gênero, ele admitiu não ter refletido sobre as implicações de gênero em seu consultório particular:

“(...) Apesar de trabalhar com esse foco o tempo inteiro, gênero, para mim, é um conceito. O tempo todo eu trabalho com isso. Trabalho com violência de gênero aqui, dou aula sobre violência de gênero. Mas, nunca parei para pensar no meu consultório particular...” [Cláudio]

Embora a maioria dos entrevistados afirme não considerar o sexo do cliente com uma categoria clínica, deve-se salientar, como pontuado anteriormente, que todos os entrevistados afirmaram peculiaridades aos homens e às mulheres. Ou seja, observa-se uma contradição na maioria dos entrevistados, pois ao mesmo tempo em que negam a relevância da categoria “sexo” em sua prática clínica, comentam diferenças entre homens e mulheres. O discurso de Sabrina exemplifica bem esta contradição:

“É, eu, para falar a verdade, presto atenção em tudo que interfere na terapia. Mas o

meu foco é sempre na emoção. Então, assim, quando o foco é a emoção, eu vou correr o risco de dizer para você que não importa o gênero não. Eu acho que, quando o terapeuta, eu, consigo realmente trabalhar os aspectos da organização emocional daquela pessoa, os afetos, a organização de vida, assim... os valores ou as questões de diferença de gênero vão aparecer, porque tendo sido criado de uma determinada maneira eu posso ou não posso sentir determinadas coisas. Bom, eu acho que as pessoas vêm influenciadas. Mas a maneira como eu trabalho... tirando a importância da diferença de gênero e entrando no fato do que é humano. Casais homossexuais, por exemplo, trazem as mesmas questões que casais heterossexuais.” [Sabrina, grifo nosso]

Considerando ainda a categoria “sexo” na clínica psicológica, salienta-se que sete sujeitos – sendo quatro do grupo que alega não ser relevante a categoria “sexo” na clínica – comentaram que o sexo do psicoterapeuta ou do cliente pode afetar o processo psicoterapêutico. Adriano e Almir, por exemplo, ressaltaram que aprendem mais com clientes do sexo oposto ao seu, ou seja mulheres.

“(...) Assim, de início, eu trabalhei com muitas adolescentes meninas. Eu achei que, como homem, elas pudessem ter dificuldade, até para tratar de coisas de meninas. E, para mim, foi uma surpresa a garota se amarrar em falar comigo o que estava acontecendo com ela. Aquela coisa que geralmente ela falaria para a mãe. E, para mim, foi uma surpresa ela querer contar o caso de pessoas, de menstruação. Eu não falava. Mas, para mim, aquelas histórias que ela contava. Eu não sabia muito não. Eu aprendi muito do mundo da menina, pela menina... eu acho que eu aprendo mais com a mulher do que com o cliente homem. Não sei porque... Acho que é por causa do fato de eu ser homem também...” [Almir]

Sabrina comentou que tem facilidade de trabalhar com homens, por ter um perfil masculino bem desenvolvido.

“Eu gosto muito de trabalhar com homens. Eu tenho um perfil masculino muito desenvolvido. Então, eu acho que isso me ajuda muito.” [Sabrina]

Rosa, embora tenha afirmado, em vários momentos da entrevista, que o que define qualquer atitude do cliente não é o seu sexo, e sim a patologia que apresenta, disse que gosta muito de trabalhar com clientes homens.

“Vai depender muito da patologia. Não é o homem de um modo geral. Não é o masculino que vai me dar essa orientação. Muito mais o tipo de patologia: se há uma predominância esquizóide, se há uma predominância narcísica, uma predominância obsessiva. Eu não vejo diferenciação nenhuma em termos de homens e mulheres (...) Eu gosto muito de trabalhar com homens.” [Rosa]

Cláudio, por sua vez, comentou que lhe encaminham mais clientes homens, justamente por possuir esta característica em comum. Ele salientou também que a

presença de uma mulher nos grupos terapêuticos de homens é indesejada.

“Isso é muito interessante. Como me encaminham muitos homens, por eu ser um terapeuta homem.” [Cláudio]

“(...) principalmente nesse grupo de homens, atores de violência... assim, se a gente aplicasse ali um índice de machismo seria lá nas alturas... se deparar com o sofrimento, com o choro na frente de outros homens, ou o ser consolado por um outro homem que está ali, naquele mesmo grupo... vai gerando uma aliança, um sentimento de pertinência, de companheirismo muito grande... Mulher, nem pensar!... Agora mesmo, na segunda-feira, a esposa de um deles mandou ele pedir para o grupo se ela podia assistir um encontro. E a primeira reação foi ‘Jamais! Nunca!’ ...entra numa coisa de proteção mútua muito grande...” [Cláudio]

Elisa salientou a maior participação de homens na Psicologia no Brasil, e o quanto eles têm a agregar em termos de produção do conhecimento.

“(...) A gente tem visto cada vez mais terapeutas homens, alunos de psicologia homens... Eu acho que isso é uma coisa muito interessante, porque muitas vezes eles vão fazer atendimentos, e vão ver coisas que, às vezes, uma terapeuta mulher não veria. Porque a gente tem o nosso ponto de vista na hora em que está desempenhando a nossa função de trabalho. E trocar isso com eles, assim, numa mesa de discussão, ou mesmo conversar sobre algum caso... eu acho que é muito enriquecedor ter um profissional que trabalhe na mesma área e seja de outro sexo... eu acho que isso faz diferença nos atendimentos. Você ter essa opção. Às vezes você prefere um terapeuta homem, outras vezes uma terapeuta mulher. Muitos homens, talvez, se sintam mais à vontade com terapeutas homens. Talvez acreditem que poderiam ser melhor atendidos, ou alguma coisa assim. Então, eu acho que é uma coisa positiva os homens estarem podendo também fazer esse trabalho, que até pouco tempo atrás era essencialmente feminino.” [Elisa]

Os discursos sobre como o sexo do sujeito pode afetar a psicoterapia evidenciam, novamente, a contradição dos entrevistados que não consideram sexo relevante na prática clínica e a presença e a influência da categoria “sexo” na clínica psicológica.

Corroborando ainda a presença de questões de gênero na clínica, destaca-se o discurso de um dos entrevistados sobre as mulheres e sua luta por emancipação. Almir evidenciou sua insatisfação pessoal com a conduta das mulheres, responsabilizando-as pela desestruturação familiar, que ele acredita ocorrer hoje:

“A mulher resolveu é... Não sei. Não sei se está correto. Ela resolveu mexer nisso, nessa estrutura. Só que é uma estrutura de séculos. Tem fantasias em torno dela. Toda uma estrutura já montada em torno dela... Então, aí eu acho que nem o homem e nem a mulher estão preparados para as mudanças que estão. E quem está apanhando são os filhos... Aí, vem o que eu vejo no adolescente hoje, uma certa passividade, um certo, uma falta de tesão... Porque havia um entusiasmo muito forte. Do homem entrar lá no trabalho, batalhar e fazer sei lá o que. A mulher ir se

preparar para casar, para ter os filhos, para poder criar os filhos, e para poder fazer o tipo de trabalho que ela fazia.” [Almir]

Ele sugeriu, ainda, que as mulheres entraram no mercado de trabalho sem necessidade, e que ao fazerem isso elas teriam criado um grande problema. Segundo ele, as mulheres invadiram um espaço próprio dos homens, tiraram-lhes os empregos e os desestruturaram.

“O fato de terem entrado dentro do mercado... que é um mercado de trabalho específico do homem. Não é por causa do dinheiro não... Eu lembro quando eu era menor... o que eu invejava na minha irmã era o fato de que ela não tinha que trabalhar. Ela podia escolher o trabalho dela, se quisesse, em qualquer lugar. E eu não. Eu tinha que escolher um trabalho que eu ganhasse, que desse para comprar os móveis, para casar ou para fazer qualquer coisa (...) se você é casada e os dois estão trabalhando, você está tirando emprego, como mulher, de um homem, que poderia estar sustentando outra mulher (...) Eu acho que é o fato da mulher ter entrado no mercado, como entrou. Ela trouxe um problema grande para ser discutido...” [Almir]

#### 7.1.4 As relações de gênero

Todos os entrevistados afirmaram que as relações entre homens e mulheres sofreram grandes mudanças nas últimas décadas. Contudo, sete deles sinalizaram que as relações ainda são desiguais, conforme ilustrado nas falas abaixo:

“...uma coisa séria esse negócio da mulher trabalhar. E ela vai para casa, e ela tem mais serviço mesmo.” [Almir]

“Teve uma monografia que eu orientei ano passado, onde a gente foi procurar exatamente isso. Nas tarefas do dia-dia, de um casal, de uma família, quais as tarefas que ainda são essencialmente femininas e masculinas. Eu acho que isso não tem mudado. Pelo menos não apareceu como uma grande mudança não. O homem já faz algumas atividades que ele não fazia. Mas cuidar da casa, dos filhos, das compras é, essencialmente, um trabalho feminino. Uma coisa que a gente viu muito nítida é a questão do dinheiro, que ainda é muito mais decidida e gerida pelo homem. Mesmo que a mulher trabalhe fora. Ainda é ele que supostamente entende melhor de aplicação. Ou qual a melhor forma de comprar determinada coisa... eu não sei se você sabe, que a maior porcentagem de devedores no Brasil são mulheres. Tem maior número de nomes femininos no SPC do que masculinos. Isso não é porque a mulher é mais caloteira. Isso é porque a mulher é quem faz as compras da família. Então, ela que sai para comprar, e as coisas ficam no nome dela. E quando o homem não paga, por algum motivo, é o nome dela que vai para o SPC. Então, é interessante como o dinheiro ainda é mais gerenciado pelo marido, mas as compras são mais feitas por elas.” [Elisa]

Cinco sujeitos comentaram que os homens são muito mais exigidos socialmente do que as mulheres. Segundo Adriano, muitas vezes por demandas insustentáveis, como ser bem sucedido:

“... Eu acho que [o homem], desde pequeno, é exigido. Embora ele seja mais protegido... em termos de sucesso, de ter que, seja lá o que for. A exigência sobre o homem é muito dura. Eu acho que esta exigência tem a representação da ereção. A menina não tem nada compatível com esta tragédia, que é a obrigação da ereção. O menino, para ter sucesso na nossa sociedade, ele é obrigado a passar por essa etapa, que é facilmente atingida por varias circunstâncias. Qualquer momento mais tenso já atinge [seu desempenho]...” [Adriano]

Sabrina, por sua vez, referiu-se às limitações emocionais que são impostas aos homens:

“Claro, a gente [mulheres] tem um monte de coisa que aprende. Mas, não coisas que interfiram no campo emocional do tipo ‘Não. Você não pode chorar, porque isso é fragilidade’. Você até escuta, mas não é tão marcante quanto é para o menino. ‘O homem não chora.’ ‘Homem não faz isso.’ ‘Isso não é coisa de homem.’ Então, nesse sentido, eu acho que vai sendo passada uma certa ‘O homem tem que fazer isso. O homem tem que fazer aquilo’... nesse sentido, eu acho que ele carrega um pouco mais dessas deverias sociais.” [Sabrina]

Conforme sete entrevistados, apesar das mudanças nas relações entre homens e mulheres, os homens ainda são criados para prover e as mulheres para casar. Para Adriano esta organização é mais evidente no interior do Brasil e nas classes mais abastadas.

“(...) grosso modo, as mulheres são criadas para casar e os homens para serem os provedores. Na roça, você vê isso com maior facilidade. Nesse sentido, os homens me parecem mais exigidos. A mulher, muito menos. Uma menina, uma adolescente, uma menina que em idade profissional quer ter responsabilidades, quer ser alguma coisa mais sofisticada, mais complexa... ela recebe o impacto da surpresa da família. Isso, é claro, estou falando de famílias não psis. Então, a família se espanta com uma coisa que é considerada meio esotérica, pois não precisa disso. Interessante, inteligente, estudada, vai encontrar o homem da sua vida. Isso é gente antiga, clássica, que eu acho que ainda é preponderante.” [Adriano]

Sabrina concorda com Adriano, mas salienta que, na população mais carente, as mulheres já assumiram funções tradicionais masculinas há muito tempo:

“Nem toda mulher se emancipou. Até porque, no Brasil, essa história de emancipação do feminino é para a classe média e para a classe alta. Porque a mulher de baixa renda já é cabeça de família há muitos anos.” [Sabrina]

Apesar da maioria dos entrevistados considerar que homens e mulheres ainda são criados para funções distintas e tradicionais, todos eles concordam que a situação está mudando. Homens e mulheres estão rompendo com a tradição,

conforme expõe Felipe:

“(...) Há alguns anos atrás... a mulher era a rainha da porta para dentro, o homem era o rei da porta para fora. Era a mulher quem cuidava das crianças, quem levava para a escola. Hoje, os homens estão participando. Era uma coisa inadmissível, há uns 30 anos atrás, que um homem fosse trocar a fralda do filho...” [Felipe]

Atentando para isso, dois entrevistados falaram em inversão de posturas, ou seja, mulheres apresentando condutas normalmente atribuídas a homens e vice-versa. Adriano, comentando sobre a postura de um casal homossexual de mulheres que ele atende, salientou que elas apresentam condutas sexuais consideradas masculinas:

“Elas são um barato de pessoa. Elas gostam de homem, então, de vez em quando, elas comem um. As duas. E elas falam assim mesmo ‘Hoje nós comemos fulano’. Os homens é que são objetos sexuais. Às vezes há até essa inversão. As mulheres estão muito mais corajosas, mais ativas, muito mais é... imprimindo, o ritmo, a vida desejosa delas.” [Adriano]

Almir, por sua vez, falou sobre a relação de um casal que ele atende, em que a mulher assumiu as condutas masculinas e o homem as condutas femininas:

“(...) Financeiramente era uma solução, porque a creche era muito cara. O filho ficava o dia inteirinho na creche; e com o pai ganhando menos, trabalhando meio expediente, o filho estava tendo assistência legal. Ele levava a criança e trazia do colégio, ensinava a criança em casa. Fazia o papel da mulher. E a mulher ficava o dia inteiro trabalhando... ele falou ‘Agora não estou agüentando. Ela resolveu fazer um doutorado aí, que vai ocupar o horário dela de 7 a 9 da noite, que era o horário que ela vinha.’ Então, ela saía às 7 horas da manhã para trabalhar e voltava às 11 horas da noite, entendeu? ... Aí, ele entrou numa, fazendo análise, que não, se ele já tava fazendo aquele papel que ele poderia cozinhar também. E ela começou a fazer o papel do homem. Ela começou a criticar a comida dele. Quando ele fazia a comida, ela dizia que não estava legal. Ela ia para a cozinha e fazia de novo. Porque, na verdade, ela fazia melhor do que ele mesmo. Esse papel era novo para ele, mas ele estava fazendo esforço. Ela arrasava a tentativa. ‘Ele está querendo ficar. Eu estou vendo que ele vai querer ficar nisso. Eu saí disso, e ele vai querer ficar nisso. Eu acho que ele está gostando disso!’” [Almir]

Segundo todos os entrevistados, muitas questões surgiram nas relações entre homens e mulheres, com a entrada da mulher no mercado de trabalho. Eles salientam que a emancipação das mulheres obrigou o casal a um maior diálogo, aumentou a competição entre os cônjuges e criou confusão quanto às funções de cada um, conforme ilustra a fala de Cláudio:

“(...) alguns casais, ao contrário. Eu trabalho em casa. Eu trabalho por computador.

Então, eu estou dentro de casa. Então, eu tenho que olhar as coisas dentro de casa se estão funcionando, se não estão funcionando. Controlar o horário das crianças, da empregada, não sei o que. E, ao mesmo tempo, tenho que trabalhar. Enquanto minha mulher trabalha fora, sai cedo e chega tarde. Como é que eu lido com isso? Como é que eu me adapto a essa diferença? Não tem um modelo que me diga como é que a gente funciona dessa maneira! Como é essa coisa de dividir as despesas? Não tenho referências de como isso é feito. Essa coisa de meu dinheiro é nosso, o seu é só seu. Como é isso? Não pode ser por aí. Como se divide contas? Ela paga determinadas coisas, eu pago outras? Ou é proporcional ao que cada um ganha? Enfim, falta de referências, na verdade.” [Cláudio]

### Os homens diante das mudanças nas relações de gênero

Segundo oito sujeitos, os clientes homens mostram-se confusos diante das mudanças nas relações de gênero. Eles estariam vivenciando sentimentos de perda, insegurança, ciúmes e competição, diante desta mulher não mais submissa. Para cinco deles, os homens têm sofrido com as mudanças nas relações, especialmente por vivenciarem a perda de poder. Segundo estes entrevistados, os homens têm focado mais nos ganhos das mulheres do que nos seus próprios ganhos.

Letícia, por exemplo, comentou sobre a insegurança e o ciúme dos homens diante da mulher trabalhadora e independente.

“(…) reflete a questão competitiva... Hoje, numa relação, a mulher pode ganhar mais do que o homem. Eu acho que isso reflete nas relações; às vezes, até leva a uma terapia de casal. Acho que esse é um ponto importante... a questão da independência. Hoje, a mulher trabalha como o homem. Antes era o homem que chegava tarde em casa, porque ele ia tomar um chopinho. E, hoje, a mulher faz isso. A mulher viaja. A mulher também vai a um jantar com executivos. Ela é uma executiva. Então, isso provoca ciúme em alguns maridos... incomoda o homem essa independência... Tem amigos que ligam, os amigos do trabalho. Então, eu acho que isso ainda é motivo de estresse nos relacionamentos para alguns homens.” [Letícia]

Adriano, por sua vez, salientou que os homens estão desorientados e perturbados diante das mudanças nas relações, e sofrendo com a perda de poder.

“Eu acho que o homem está sofrendo muito com isso, porque sempre foi o bambambã da história (...) Insegurança, mais problemas sexuais, mais sensação de ‘perdição’. Não saber direito como fazer. O que fazer. Não entender. Eu acho que o homem está mais perdido, mais confuso... com mais insônias... porque as mulheres não são mais aquelas doces submissas, que eram antigamente... Essas mudanças, essas transformações nas relações, eu acho que deixam o homem muito perturbado (...) ‘Fui roubado!’ Mais ou menos assim que eles sentem a perda. Fui roubado e tenho que retomar o que me foi roubado.” [Adriano]

Cláudio também pontuou o sentimento de perda de poder que os homens

estão vivendo, porém, ressaltou a dificuldade deles em reconhecerem os próprios ganhos com as mudanças nas relações entre homens e mulheres.

“Se hoje as mulheres competem pelo mesmo posto de trabalho, se elas, então, têm a vantagem do poder econômico. ‘Eu que ganho mais, ou porque sustento a casa, não tenho mais a mesma possibilidade de dizer como eu quero que as coisas sejam.’ Então, isso é vivido como uma perda. ‘Não tenho mais a mesma autoridade que eu tinha antes. Eu tenho que argumentar, eu tenho que convencer.’ E não é visto nada em termos do ganho. Quer dizer, a possibilidade também de sair de um aprisionamento que o modelo tradicional de homem exige. Isso é muito mais difícil... para o homem conectar com as vantagens do que isso pode proporcionar...” [Cláudio]

Conforme oito entrevistados, há vantagens para os homens com as mudanças nas relações entre homens e mulheres. Adriano, por exemplo, comentou que os homens estariam se aproximando mais do reconhecimento das próprias inseguranças. Os demais salientaram a possibilidade dos homens serem mais livres em relação aos modos de expressão, na vivência dos seus afetos, e de poderem realizar atividades que antes não lhes eram permitidas.

“(...) a possibilidade de sair de um aprisionamento, que o modelo tradicional de homem exige... de eu poder me expressar mais, de eu poder também me cuidar, de eu poder mostrar afetividade, de eu poder ter amizade, de eu poder, enfim, me sensibilizar. De eu poder entrar no mundo dos meus filhos.” [Cláudio]

“Como eu estava te falando, há um tempo atrás, era o masculino e o feminino e as funções eram absolutamente delimitadas para um e para outro. O que não é mais assim. E que bom! Só pode, então, um certo enriquecimento, não só ao homem como a mulher. Com essas condições se consegue... muito menos discriminados.” [Rosa]

“Eu penso que não existe mais o tabu ‘homem pode, homem não pode.’ ‘Isso é coisa de mulher.’ Isso está se diluindo. Até a entrada da mulher no mercado de trabalho... Elas assumem um papel de igualdade e o homem sente-se muito mais livre para buscar terapia.” [Márcia]

### A reação dos homens às mudanças nas relações de gênero

Apesar da confusão e do sofrimento dos homens com as mudanças nas relações de gênero, para seis entrevistados, alguns homens estariam tentando se adaptar às novas relações. Eles estariam procurando entender o que está acontecendo, o que se espera deles e o que eles esperam dos demais a fim de tentar atender as demandas alheias. Almir, por exemplo, comentando sobre a relação conjugal de um cliente seu, salientou que os homens se esforçam para atender as expectativas das mulheres:

“(...) o cara, de repente, faz um esforço para poder, às vezes, se a mulher está estudando, ele estudar um pouco mais. Faz, porque ele ama a mulher. Mas ele está satisfeito ali, com a vida dele.” [Almir]

Outros três entrevistados afirmaram que os homens estão bem adaptados às mudanças nas relações de gênero, são favoráveis à emancipação das mulheres, e buscam, com elas, mudanças nas relações. Letícia, por exemplo, salienta que os homens não só apóiam como esperam que as mulheres tenham um trabalho remunerado:

“Olha, eles adoram! ... hoje, eu percebo que os homens precisam dessa mulher que trabalha, que ganha, que ajude nas despesas. Houve um momento em que eu senti o homem muito machista com relação a isso. ‘Não. Sou eu quem pago, quem faço. Mulher tem que ficar em casa, cuidar da casa.’ Eu já vi esse homem, sabe, um tempo aí, passado próximo. Hoje, muito pelo contrário, o discurso mudou. Ele precisa que essa mulher realmente se engaje no trabalho. Ele conta com isso. E as mulheres estão muito satisfeitas com isso... Quer dizer, eu vejo, assim, que essa emancipação chegou. Foi muito questionada, mas ela chegou no momento mais confortável. Tanto que o homem assume. Quer dizer, hoje, também ele tem coragem de assumir. Porque antes, por mais que fosse bem vindo o salário da mulher, muitas vezes queria manter aquele “não”. Hoje, é muito bem vindo, e ele assumiu isso muito bem. Ele quer mais que a mulher trabalhe.” [Letícia]

Destaca-se, contudo, que embora a maioria dos entrevistados afirme que os homens estão adaptados ou buscando se adaptar às mudanças nas relações de gênero, quatro deles salientam que ainda existem muitos homens resistentes às mudanças. Sabrina, por exemplo, embora tenha afirmado que os homens estão bem adaptados às novas relações de gênero, fez a ressalva de que os homens vinculados a um padrão tradicional de relação mostram-se resistentes.

“(...) o homem provedor, ele procura terapia porque ele não está entendendo como ele sai, trabalha, chega em casa, e a mulher, que não trabalha em geral, não está bonitinha, esperando por ele com o chinelinho e a comida pronta (...) Não é uma queixa do homem: ‘a mulher me pediu para eu lavar louça’, ‘eu tenho que dividir as tarefas’. Só para o homem provedor. O que estou dizendo do homem provedor? É esse que mantém essa relação de o homem faz isso, a mulher faz aquilo.” [Sabrina]

Adriano, por sua vez, comentou que alguns homens recorrem à violência física para tentar manter o *status quo*.

“É o que está acontecendo com alguns homens. Eu percebo na clínica, que eles ficam surpresos. Eles ficam grogues, e tentam entender o que está acontecendo. O que é isso? Que relação é essa? O que ela quer de mim? O que eu quero dela? Mas a grande maioria ainda faz o papel desse cara que deu o tapa, que quer resolver as

coisas na porrada. Está ruim, não entende, então, sai por aí dando patada para ver se a coisa é recuperada... E esses permanecem com uma coisa mais violenta, mais agressiva. Então, eu acho que é a maioria. Eu vejo muitos homens que estão começando a querer entender que mundo novo é esse.” [Adriano]

Além disso, destacam-se em sete entrevistas comentários sobre clientes homens que contradizem as afirmações de adaptação dos homens às mudanças nas relações de gênero. Almir e Felipe, por exemplo, citaram casos de clientes homens que ficaram insatisfeitos com a emancipação da esposa.

“(...) Então, ela saía às 7 horas da manhã para trabalhar e voltava às 11 horas da noite. E ele trabalhava meio expediente, cuidando do filho. Ele, no começo, estava satisfeito, rolando. Só que ele tinha umas exigências malucas. Ele achava que ela tinha que chegar em casa e fazer comida para ele. Ele achava mesmo. Porque nem sabia fazer comida direito. Ela que sabia...” [Almir]

Letícia, Elisa e Márcia, por sua vez, comentaram que seus clientes homens têm se queixado das mulheres não serem mais tão criteriosas na escolha de seus parceiros, terem tido muitos parceiros, não serem fiéis e nem devotadas à relação. Estas queixas podem ser compreendidas como uma crítica dos homens à emancipação sexual da mulher. As falas abaixo são bem ilustrativas:

“(...) dificuldade de encontrar um relacionamento, do modo que gostariam também... das frustrações com as relações, das dúvidas sobre qual relacionamento escolher, da dificuldade de encontrar mulheres sérias. Essa idéia, hoje, das mulheres ficarem num relacionamento sem querer assumir.” [Márcia]

“(...) eles se queixam que ‘As meninas estão muito fáceis! Pô. Ficam com tudo que é cara’...” [Letícia]

Márcia e Rodrigo destacaram a ambivalência dos homens diante da emancipação das mulheres. Ou seja, ao mesmo tempo em que os homens querem a mulher moderna, independente e emancipada, eles também querem a antiga dona de casa, dedicada à família e ao lar.

“Eles querem que a mulher seja uma profissional de sucesso. Mas eles também querem que a mulher dê conta da família, dos filhos, etc e tal. Então, eu vejo eles também nessa confusão...” [Márcia]

“(...) eu acho que os homens que estão numa relação com mulheres que têm uma autonomia menor, têm muitas vezes uma queixa em relação a isso. Enquanto que parceiras com maior autonomia têm problemas com isso também... Nas situações de estar com uma mulher com menos autonomia, queixas, assim, em relação a uma certa insuficiência. Embora não tivessem problemas de competição, de autoridade e tal. Mas teria uma certa solidão... (ela) não estaria próximo, não nos

compreenderia, não nos acompanharia em determinadas situações existenciais. E, no outro caso, as dificuldades, eu acho, surgem mais pela insegurança, pela competição.” [Rodrigo]

Outros três entrevistados, Adriano, Cláudio e Letícia, ao relatarem casos clínicos, evidenciaram tentativas de homens em manter o *status quo* através da desvalorização e da subordinação da mulher. Os relatos de Adriano e Letícia ilustram bem isso:

“(…) Ele é um economista de sucesso, que largou o emprego maravilhoso que tinha para jogar na bolsa, e está ficando milionário. E ela é uma jornalista que rala para poder conseguir um emprego, para conseguir ser aceita, para fazer coisas maravilhosas, e ganha um salário bastante incompatível com todo esse esforço... Então, esse cara é um homem de sucesso, que dita as regras da estrutura familiar, sabendo que ela mulher não sabe lidar com essas coisas. ‘Como as mulheres costumam ser pouco conhecedoras do mundo real’, diz ele. Esse mundo que existe, o mundo das finanças, o mundo que vale à pena. E que ele respeita as coisas que ela faz. Isso é a forma bem, geralmente, hipócrita de dizer que não tem o menor respeito pelas coisas que a mulher faz... acha que ela está brincando enquanto ele é quem faz as coisas que são importantes.” [Adriano]

“Geralmente, estes homens podem acreditar na ingenuidade da mulher. ‘Ela é boba! Qualquer um vai ganhá-la mole!’ Tem essas coisas assim. ‘Não é esperta o suficiente!’ [Ela] Está trabalhando, está emancipada, se auto-sustenta, mas ‘é capaz de cair em qualquer conversa’. Vai uma dúvida ainda sobre ela.” [Letícia]

### As mulheres diante das mudanças nas relações de gênero

Três entrevistados salientaram que as mulheres estão sofrendo com as mudanças nas relações, pois tentam abarcar mais funções do que suportam. Nas palavras de Márcia:

“O que eu observo são as mulheres muito sofridas, porque elas têm que dar conta de muito mais tarefas do que elas poderiam. Elas querem assumir a tarefa de uma forma plena. Também competindo na vida profissional, e querendo também ter uma realização plena. Então, isso é quase impossível. Muito difícil. Porque ela é uma, não é duas.” [Márcia]

Diante deste quadro, conforme pontuam Adriano e Letícia, as clientes mulheres demandam que seus maridos se mostrem mais presentes e participativos em casa. O relato de Adriano sobre um casal que atende em psicoterapia ilustra bem este dado:

“(…) Ela é médica e ele é físico. E além de ser físico, ainda adora moto. Ele está sempre ocupado com essas coisas. Então, freqüentemente, ela está querendo fazer programa familiar, e ele está querendo... como ele viaja muito, fazendo muitas palestras, ele está muito mais voltado para as coisas dele. Chega em casa, ele

brinca com o filho. Mas diz ela, ‘Só brinca. Brincar eu também brinco. Mas eu quero muito mais do que brincar. Eu preciso muito mais do que brincar. Eu preciso de um companheiro que seja muito mais ativo, atuante. E não apenas deixando tudo para mim.’ O que é emblemático da coisa é que ele é um excelente pai, um excelente marido. Ótima pessoa. E ela reconhece isso tudo. ‘Homem maravilhoso. Poucos se encontram por aí.’ Mas tem uma visão muito secundária da estrutura familiar. Por melhor pessoa que ele seja, a estrutura familiar é uma coisa com a qual ele não lida... Ele não entendia as queixas da mulher.” [Adriano]

Almir, discorrendo sobre um cliente, salientou que as mulheres cobram dos homens que eles sejam tão bem sucedidos e instruídos quanto elas, embora, observa o entrevistado, os homens não exijam isso delas:

“Quando ela começou a crescer, e o dinheiro dela começou a ultrapassar o dinheiro dele, ela falava que ele era um preguiçoso, que ele devia procurar ganhar mais, que ele tinha que estudar para ganhar mais. E isso não passava pela cabeça dele. Ele estava satisfeito lá. Quando existe muito homem que, ele não tem problema se a mulher não estudou muito mais.” [Almir]

Cláudio e Adriano pontuaram que são altas as exigências das mulheres sobre homens. Segundo Cláudio, as expectativas das mulheres sobre os homens, hoje, são muito amplas:

“(…) que ele promova segurança, promova o sustento da casa, e tudo isso. E, ao mesmo tempo, seja um homem afetivo e participativo, faça o trabalho, divida o trabalho doméstico, divida a educação dos filhos.” [Cláudio]

Adriano, por sua vez, salientou que os homens não podem atender a todas as expectativas das mulheres, devido a sua própria condição masculina:

“A relação é desigual. A mulher precisa do marido para certas coisas, que ele não pode dar. Pela própria formação de homem.” [Adriano]

Embora as mulheres reclamem maior equidade na relação, Almir e Cláudio pontuaram que elas não estão muito dispostas a abrir mão de antigos privilégios. Almir salientou que as mulheres não aceitam se relacionar com um homem que tenha uma remuneração inferior a dela. Em suas palavras:

“(…) aparece, hoje, muito conflito relacionado a mulher estar trabalhando e ganhando, e o homem não estar ganhando. A mulher não suporta o homem ganhando menos do que ela. Mesmo que racionalmente ela suporte. Eu já tive vários casos assim. Racionalmente ela suporta que o homem ganhe menos que ela, então, ela acha que não tem nada de mais. Verbalmente ela fala isso. Mas começa a minar a relação. Porque, na verdade, ela não está agüentando o fato do homem, de repente, na hora de dividir... parece que ela está fazendo um favor enorme. Se ela

ganha mais, ela vai ter que botar mais dinheiro. Ela não segura essa onda.” [Almir]

Cláudio pontuou que as mulheres querem manter somente as vantagens das relações tradicionais e das relações modernas de gênero.

“(...) eu brinco que, assim, quer ter as vantagens dos dois modelos [de relação de gênero], e nenhuma das desvantagens dos dois modelos...” [Cláudio]

### **7.1.5 Temas mais comuns na clínica com homens**

Segundo a maioria dos entrevistados, as questões afetivas constituem o tema mais comum nas sessões dos clientes homens. Nas palavras de Cláudio:

“Relacionamento afetivo... entrando não só parceiros íntimos, mas relação com filhos...” [Cláudio]

Cinco entrevistados salientaram também a existência de questões sobre trabalho, contudo, nunca constituindo o tema predominante na psicoterapia. Conforme Cláudio e Letícia, muitas vezes as questões afetivas e de trabalho se entrecruzam. Em suas palavras:

“(...) relacionamentos de trabalho até certo ponto. Não é tão comum. Mas também aparece. Como lidar no ambiente de trabalho com outras pessoas...” [Cláudio]

“Então, geralmente, o homem traz as questões pessoais que aparecem na relação com o trabalho, que aparecem na relação com o casamento. ‘Cansei de esperar uma promoção no trabalho. Não sei mais o que fazer disso. Estou desesperado.’” [Letícia]

Como se observa, na perspectiva dos entrevistados, as questões afetivas dominam os assuntos na clínica com homens. A seguir, apresentam-se alguns dos assuntos mais presentes dentro de três áreas específicas: das relações amorosas, das relações familiares e do trabalho.

#### Relações amorosas

A infidelidade, citada por seis entrevistados, mostrou-se um dos assuntos mais comuns na clínica com homens. Dentre as questões mencionadas pelos entrevistados destacam-se: dúvidas sobre como lidar com a expectativa social de infidelidade masculina, ou com a pressão dos amigos para se relacionar sexualmente com várias mulheres; o desenvolvimento de uma opinião própria

sobre infidelidade; o perceber-se gostando de duas mulheres ao mesmo tempo; a culpa por trair. O relato de Cláudio é ilustrativo:

“(...) já tive pacientes com essas questões de traição. ‘Como é que eu lido com isso?’ ‘Faço porque a maioria dos homens faz? Mas tenho muitas questões em relação a isso. Não sei se é o melhor caminho?’ ‘Como posso gostar de duas mulheres ao mesmo tempo?’” [Cláudio]

Letícia comentou algumas das questões que emergem diante da indecisão em se assumir publicamente ou não a relação extraconjugal:

“(...) dúvidas sobre o amor. ‘Será que eu amo mesmo?’ ‘Eu quero me separar. Será que vale a pena?’ ‘Eu tenho uma namorada extra casamento. Mas será que eu estou apaixonado mesmo? Será que vai valer a pena? E seu perder todo meu casamento? Minha família?’” [Letícia]

Sabrina, por sua vez, pontuou que os homens, em psicoterapia, referem-se somente às relações extraconjugais longas, pois as demais não seriam reconhecidas por eles como traições.

“A questão da traição é muito interessante! Nenhum homem, a não ser que tenha um caso muito prolongado, fala na terapia dos casos que tem, casa de massagem, esse tipo de coisa, como uma coisa relevante. Isso não é traição! Não é traição.” [Sabrina]

A dificuldade de encontrar uma pessoa “adequada” para se relacionar amorosamente também é um assunto recorrente na clínica, segundo quatro entrevistados.

“(...) os homens se queixam também ‘cadê aquela mulher?’ ... eles se queixam que ‘as meninas estão muito fáceis! Pô, ficam com tudo que é cara. Vou ficar também. Não estão afim de um relacionamento mais sério.’” [Letícia]

As justificativas para a dificuldade mencionada acima variam. Conforme Letícia e Márcia, os clientes homens alegam que as mulheres estão pouco criteriosas na escolha de seus parceiros, se relacionam com muitos homens, e estão sem interesse em estabelecer relações estáveis. Nas palavras de Márcia:

“(...) a dificuldade de encontrar um relacionamento, do modo que gostariam também... das frustrações com as relações, das dúvidas sobre de qual relacionamento escolher, da dificuldade de encontrar mulheres sérias. Essa idéia, hoje, das mulheres de ficarem num relacionamento sem querer assumir.” [Márcia]

Elisa pontuou que os clientes homens têm se queixado das mulheres não serem mais submissas como antes. Segundo a entrevistada, as mulheres estão exigindo dos homens novas posturas na conquista e na manutenção da relação, e obrigando-os a uma maior negociação. Em suas palavras:

“Mas o que o cliente vem dizendo é que, antes os relacionamentos, ele ditava muito mais as regras, e as mulheres eram mais submissas. Ele sabia mais claramente o que fazer para conquistá-la e para mantê-la. Hoje em dia, ele já está mais perdido. Porque as fórmulas não são mais as mesmas, ou não dão certo com qualquer tipo de mulher.” [Elisa]

Observou-se que o maior assédio das mulheres estaria desfavorecendo o estabelecimento de uma relação amorosa duradoura. Segundo Márcia e Letícia, a maior disponibilidade das mulheres tem sido responsável pela indecisão dos homens em se comprometer numa relação amorosa. Como ilustra o discurso de Letícia:

“(…) muitas dúvidas sobre compromisso também. Quer dizer, ‘vale a pena?’ ‘Será que eu devo me comprometer?’ ‘Devo continuar sendo aquele cara galinha mesmo?’ Eles têm muitas dúvidas sobre isso. ‘Será que vale a pena mesmo?’, ‘Vou largar tudo para ficar com essa mulher e, de repente, não vou conseguir ser sério?’...” [Letícia]

Ao mesmo tempo, pontuou Elisa, os homens mostram-se muito satisfeitos com o assédio das mulheres, pois sem grandes esforços conseguem relacionar-se com muitas mulheres.

“(…) Eu ouço esses homens também falando do quanto eles, hoje em dia, podem ficar mais passivos e conseguirem o maior número de mulheres. Coisa que, antigamente, ele tinha que ser ativo para conseguir um grande número de mulheres”. [Elisa]

Outro fator que tem tornado complexo o estabelecimento de relações amorosas, segundo dois entrevistados, é a maior liberdade sexual desencadeada pelos movimentos homossexuais. Segundo Adriano e Letícia, a dificuldade em se identificar a opção sexual das pessoas aumenta a desconfiança sobre os demais, inibindo a aproximação entre as pessoas. Nas palavras de Letícia:

“Então, está havendo uma desconfiança mútua. As mulheres, hoje, desconfiam. Elas saem à noite e, às vezes, ‘Pô, eu desconfio que ali não tinha só homem! Tinha gay, tinha homossexual’. Elas falam gay. ‘Pô, desconfio, então, fica difícil arranjar um namorado hoje!’” [Letícia]

Questões relacionadas à frustração com a relação amorosa ou com a parceira também se fazem presentes na clínica, conforme o depoimento de seis entrevistados. Dentre as questões mencionadas pelos entrevistados destacam-se: dificuldade em compreender o que a parceira quer ou faz; diferenças de ritmo sexual; sentimentos de incompreensão, rejeição, solidão, inaptidão; incompatibilidade conjugal, ou seja, pessoas que desejam ficar juntas, mas, na prática, não conseguem; crises conjugais. As falas abaixo ilustram algumas das questões presentes na clínica:

“(…) o que é muito frequente é ‘Eu não entendo o que ela quer? Eu não entendo o que o outro quer? Não entendo o que se passa? Não sei porque fez isso, deixou de fazer?’ (….) ‘Sexo é uma coisa biológica é uma necessidade fisiológica, assim, como comer e dormir. Eu não entendo como é que ela consegue ficar tanto tempo, quando está brigada comigo, ficar sem sexo.’” [Cláudio]

“(…) insegurança... Não se sentir acompanhado pela mulher. Não se sentir compreendido (...) A questão sexual, a insatisfação sexual, não se sentir acompanhado...” [Sabrina]

“Trazem questão de solidão, sempre sós.” [Márcia]

“Às vezes vêm queixas em relação, assim, à incompatibilidade. Digamos, assim, estão em relacionamentos, gostariam de continuar nesses relacionamentos, mas, na prática, no cotidiano, não conseguem ficar bem com as pessoas que estão. Situações de crise de separação, que as pessoas se separam, às vezes, por desejo próprio, às vezes não (...) E as queixas de solidão. As queixas de falta de realização afetiva...” [Rodrigo]

### Relações Familiares

Considerando a relação familiar, três entrevistados citaram as finanças como um assunto dominante, ou seja, questões sobre o quanto cada cônjuge ganha, a distribuição de renda, a divisão das contas. Conforme relata Almir:

“(…) no nível financeiro, batendo na questão sexual... aparece, hoje, muito conflito relacionado à mulher estar trabalhando e ganhando, e o homem não estar ganhando.” [Almir]

Questões sobre a divisão de tarefas domésticas, como cuidar da casa e dos filhos, também são preponderantes, segundo estes entrevistados e sempre se relacionam com o assunto das finanças. O comentário de Cláudio é ilustrativo:

“(…) Aí são as questões periféricas a isso aí. Negociação de tarefas domésticas. ‘Então tá, eu estou trabalhando tanto quanto você. Então, como a gente vai dividir isso. Não é porque você ganha mais, que você sustenta a casa, que fica isento, ou

livre de contribuir com o trabalho doméstico’, todas essas coisas.” [Cláudio]

Atentando para o relato destes entrevistados, observou-se uma correlação positiva entre renda e poder na relação, ou seja, quanto maior a renda, maior o domínio na relação familiar. O relato de Cláudio ilustra bem este ponto:

“Ela tem um trabalho, onde tem uma posição boa dentro do trabalho, uma posição de chefia. Mas, se ela coloca isso em comparação com o que o marido ganha, é muito pouco. Então ela disse ‘Eu economizaria muito mais se eu ficasse dentro de casa’. Ao mesmo tempo, ela tem orgulho de dizer que é chefe, não sei o que e tal. E ele diz ‘Tá, você pode ficar em casa. Eu ganho o suficiente para nós dois. Mas eu quero que você dê conta de me dizer no que é que você está gastando. Por quê?’ ... Ela diz que aquilo é... afinal de contas ele a conhece. Ela é honesta, não quer passar ele para trás. Ele sabe disso, estão casados há tanto tempo. Então, como ele desconfia dela? E ele diz: ‘Eu não estou desconfiando. Eu estou querendo controlar nosso dinheiro. Ver no que você gasta, no que você não gasta’. E fica esse confronto. Então, chegou numa fórmula que a escolha é dela. ‘Ou você trabalha e ganha seu dinheiro. E não precisa me dar satisfação do seu dinheiro. E também não contribui com a casa.’ Porque o dela é dela, não é dos dois. O dele é que é para o sustento da casa. ‘Ou então você fica em casa. Mas vai me dar satisfação do que está gastando.’ Aí, ficou resumido nessa negociação, e ela tem que optar por isso.” [Cláudio]

Questões sobre paternidade aparecem também na clínica, segundo depoimento de cinco entrevistados. Sabrina, por exemplo, referiu-se à demanda dos homens por orientação na relação com filhos adolescente ou após a separação conjugal.

“(...) os homens têm me procurado também para trabalhar a relação com os filhos adolescentes, quando se separam... Então, eu tenho recebido alguns homens que procuram orientação...” [Sabrina]

Márcia, se referindo à separação conjugal, salientou a preocupação de muitos homens com o possível afastamento dos filhos e a perda do contato cotidiano.

“(...) Então, por exemplo, tem casos de homens que querem se separar, mas que vivem um conflito enorme de não poderem nunca mais colocar o cobertor em cima do filho. Ou, senão, se o filho for para casa, só esporadicamente. Quer dizer, eles sentem perder aquele cotidiano...” [Márcia]

Reclamações dos homens quanto à conduta das mulheres em inibir o exercício pleno da função paterna foram mencionadas por três entrevistados. Letícia, por exemplo, salientou as queixas dos pais em se sentirem desautorizados

pela mãe diante dos filhos:

“(...) a mãe que quer mandar mais do que o pai. Questão ligada à autoridade do pai. Muitas vezes eles se sentem, se queixam de se sentirem desautorizados em casa, em função da forma como a mãe educa os filhos...” [Letícia]

Cláudio, por sua vez, ressaltou que as exigências das mulheres, sobre a relação pai-filho, não favorecem uma conduta mais afetiva dos homens no exercício da paternidade.

“(...) ‘Eu educo meus filhos. Mas me é pedido muito mais para dar limites aos meus filhos do que, propriamente, que eu brinque com eles, que eu seja afetivo com eles, que eu possa também curtir um cuidado.’” [Cláudio]

Ainda em relação à paternidade, Cláudio, Sabrina e Rodrigo destacaram a dificuldade dos clientes homens em lidarem com o crescimento dos filhos e o decorrente sentimento de abandono.

“(...) Ele estava falando sobre as filhas. Ele tem duas filhas, uma adolescente e uma na pré-adolescência. Ele diz o quanto sente falta de quando elas eram pequenininhas, que eram muito mais carinhosas, muito mais espontâneas. E que ele tem sentindo muita falta do carinho dessas filhas...” [Cláudio]

“(...) homens que se queixaram da distância afetiva dos filhos, percebendo isso mais como determinado pela atitude dos filhos do que pela atitude deles...” [Rodrigo]

Porém, conforme Letícia e Sabrina, queixas de abandono por parte dos homens ocorrem em relação a todos os membros da família. Letícia, por exemplo, comentou que alguns homens queixam-se da mulher dar mais atenção aos filhos.

“(...) aparecem muito queixas de homens que se sentem abandonados pela mulher, por ela se ocupar demais dos filhos. E isso também atrapalha a auto-estima, ‘eu não me sinto importante, eu não me sinto amado. Não sei como dizer isso. Sinto vontade de ir embora.’” [Letícia]

Sabrina pontuou que os homens, em geral, queixam-se da falta de disponibilidade dos outros.

“(...) [os homens] entendem que as pessoas não têm muita disponibilidade como eles têm...” [Sabrina]

Por fim, como último tópico dentro das relações familiares, porém, não menos importante, destaca-se a violência por parte dos homens. Dois

entrevistados, Cláudio e Sabrina, observaram que a violência é um assunto abordado na psicoterapia por alguns homens, seja por já terem agredido familiares ou por temerem agredi-los. Nas palavras de Sabrina:

“E o tema da violência aparece também. O medo de ser violento. Alguma história de violência. Isso eu preciso falar. Tem alguns homens que já me procuraram porque estavam com medo de agredir, ou já tinham agredido a mulher ou o filho.” [Sabrina]

### Trabalho

Questões de insatisfação com a atividade que exercem, com a escolha profissional e remuneração; queixas quanto à qualidade do local de trabalho, à sensação de perseguição, de injustiça, de exigência excessiva, da falta de reconhecimento, foram agrupadas na subcategoria “insatisfação com o trabalho”, que foi corroborada por seis entrevistados. O relato de Rodrigo ilustra bem estas insatisfações:

“(...) insatisfações sobre o que estão fazendo, mas por conta, assim, da natureza da atividade. Tem um outro tipo de queixa que não é relativa à natureza da atividade, mas à qualidade do local específico, da situação específica que a atividade profissional está sendo exercida... estão insatisfeitos com a situação em que estão... E relacionado ao trabalho também, queixas financeiras, queixas em relação ao ganho. O que acabam, também, gerando outros questionamentos...” [Rodrigo]

A competitividade no ambiente de trabalho também se mostrou uma questão relevante na clínica com homens, conforme depoimento de quatro entrevistados. Nas palavras de Elisa:

“Eu acho que essencialmente a competitividade. Hoje em dia, eles não conseguem relaxar. Primeiro, porque eles mudam de trabalho muito mais frequentemente... Segundo, eles não podem relaxar nunca, a cobrança é muito grande. Por exemplo, se ele trabalha na área de venda, ele vendeu mil peças esse mês, no mês que vem... aí não é mais mil, aí a empresa, sei lá, já quer que seja mil e dez, pelo menos. Então, ele nunca tem o momento de ficar mais sossegado ou tranquilo... O nível de exigência está muito alto de qualquer empregador para qualquer funcionário.” [Elisa]

Dificuldades pessoais no trabalho, compreendidas aqui como dificuldade de relação com chefes ou colegas, de se posicionar no trabalho, de mostrar a própria capacidade, o próprio talento, também surgem na clínica com homens, segundo três entrevistados. Como ilustra a fala de Sabrina:

“(...) dificuldade de relacionamento com chefe ou colegas. Basicamente, questões

de posicionamento, dificuldade de se posicionar. Às vezes até de mostrar uma capacidade, um talento, devido à dificuldade de relacionamento. Uma tendência de briga, ou briga ou não fala nada.... Falar o que pensa, se posicionar no trabalho. Relacionamento de competição com o colega... E essa coisa de sentir que não deslança.” [Sabrina]

A entrevistada salientou também que o vínculo com a família de origem costuma prejudicar o desenvolvimento profissional dos homens:

“(...) Em geral, quando o foco é profissional, há um certo travamento, normalmente, ligado a estar muito preso à família. Aí não deslança profissionalmente...” [Sabrina]

Preocupações com a qualidade de vida também surgem na psicoterapia com homens, especialmente pela avaliação do tempo que dedicam ao trabalho e às demais instâncias de suas vidas (lazer, família), segundo Cláudio e Letícia. Nas palavras de Cláudio:

“De um modo geral, essa questão do tempo tem aparecido muito na clínica. Assim, tempo de trabalho, tempo de dedicação, a disponibilidade que você é obrigado a ficar com a questão do celular, com Internet. Você sai do trabalho, mas o trabalho vai até você, vai com você para casa. E o que isso reflete nos relacionamentos? No cuidado com o relacionamento? No tempo de dedicação ao outro, aos filhos, ao próprio lazer, aos próprios cuidados?” [Cláudio]

### **7.1.6 O cliente homem**

Muitas afirmações sobre o cliente masculino emergiram ao longo das entrevistas. Contudo, apresentam-se aqui as que se destacaram.

#### A presença dos homens na clínica

Todos os entrevistados salientaram que a presença de homens na clínica sempre foi menor do que a de mulheres. Porém, segundo eles, o número de homens vem aumentando. Nas palavras de Elisa e Cláudio:

“Eu diria que há em torno de trinta a quarenta por cento de homens. Eu acho que do pessoal que eu supervisiono, em instituições de ensino... chegaria também a esse percentual...” [Elisa]

“Eu teria que comprovar isso, fazer um apanhado. Mas a sensação é que o número de homens tem aumentado.” [Cláudio]

Quatro entrevistados pontuam já ter a mesma quantidade de clientes homens e de clientes mulheres, ou, até mesmo, mais clientes homens. Márcia, por

exemplo, afirma que em sua clinica particular atende a mesma quantidade de homens e de mulheres.

“(...) é 50 / 50 por cento. Em média é isso mesmo. Às vezes, tem mais homens, menos mulher um pouquinho. Às vezes, mais mulher, menos homem um pouquinho. Mas, no geral, é 50 / 50 por cento. A procura dos homens por terapia tem sido muito grande.” [Márcia]

Almir, por sua vez, afirma ter, hoje, mais clientes homens.

“Eu, no momento, estou com mais clientes homens do que mulheres. Agora, se for somar durante a clinica inteira, a maioria foi mulher.” [Almir]

Quanto ao aumento do número de clientes homens, cinco entrevistados explicaram que isto se deve às recentes mudanças sociais. Segundo eles, a sociedade está se tornando mais flexível, permitindo aos homens realizarem atividades que antes não lhes eram incentivadas, como fazer psicoterapia. Nas palavras de Márcia:

“Eu penso que não existe mais o tabu ‘homem pode, homem não pode’, ‘isso é coisa de mulher’. Isso está se diluindo... o homem sente-se muito mais livre para buscar terapia.” [Márcia]

Elisa, por sua vez, salientou que os homens estariam sofrendo com as recentes transformações sociais e que este sentimento os motiva a buscar atendimento psicológico.

“Acho que também, devido uma série de mudanças, o homem está sofrendo mais. O sofrimento é uma ótima motivação para ele procurar ajuda.” [Elisa]

Letícia ressaltou as exigências da sociedade contemporânea, que, impondo um ritmo de vida acelerado, nega às pessoas a possibilidade de resolverem seus problemas sozinhas, em seu próprio ritmo.

“Hoje, os homens, com certeza absoluta... eles chegam tão facilmente quanto à mulher [no consultório clínico]. Pela questão mesmo dessa demanda, dessa vida, dessa sociedade. Tudo isso que está acontecendo, não dá mais para esperar.” [Letícia]

### Iniciando a psicoterapia

Segundo quatro entrevistados, os homens resistem em buscar psicoterapia. Três deles afirmam que os homens buscam ajuda psicológica, sobretudo, quando

encaminhados por algum parente ou especialista. Nas palavras de Almir:

“(...) muito difícil o homem, por conta dele mesmo, entrar numa de fazer análise... a maioria dos homens vai mais por indicação da mulher. Eles aparecem lá ‘Ah, porque minha namorada achou que eu devia fazer.’ ‘Minha mulher disse que está trazendo problema em casa’. Agora mesmo, recebi um cliente, tem umas três semanas. Exatamente com essa queixa. ‘Ah, a gente não está muito legal e a minha mulher me convenceu que eu tinha que fazer terapia.’” [Almir]

Sabrina, no entanto, comentou que a demanda dos homens por psicoterapia de casal, em sua clínica particular, tem sido maior do que a de mulheres. Segundo ela, estes homens, que buscam atendimento para o casal, já realizaram psicoterapia individual ou têm a clareza de que se trata de uma questão do casal.

“Agora, no momento, está acontecendo um fato muito interessante. Eu estou trabalhando com terapia de casal, já tem alguns anos. E os homens têm procurado mais terapia de casal do que as mulheres (...) Olha, eu acho que tem alguns fatores. Assim, alguns desses homens já têm uma história de terapia anterior, na qual eles tiveram uma experiência boa... clareza de que a questão é do casal... Já tentaram terapia individual, pessoal e não funcionou...” [Sabrina]

#### Quadro clínico psicológico

Quatro entrevistados fizeram menção ao quadro clínico dos homens. Letícia e Elisa ressaltaram que, devido à demora dos homens em buscar atendimento psicológico, eles chegam na clínica com um sofrimento mais intenso e quadro clínico mais grave do que as mulheres. Nas palavras de Elisa:

“Então, eu acho que chegam casos mais é...em pontos mais difíceis. Porque ele foi deixando, deixando... Ou achando que um remedinho resolvia, ou que o tempo resolveria. Então, ele chega, às vezes, já mais comprometido do que as mulheres.” [Elisa]

Rosa, no entanto, apresenta uma perspectiva distinta das entrevistadas acima. Para ela, os clientes homens, normalmente, não apresentam quadros clínicos tão graves como as mulheres, pois eles não manifestariam a mesma simultaneidade de sintomas que elas.

“(...) os pacientes homens que me procuraram, [apresentam] patologias não tão graves...” [Rosa]

Atentando para as psicopatologias, Adriano comentou que os homens são mais obsessivos que as mulheres:

“(…) os homens são mais obsessivos e as mulheres são mais histéricas…” [Adriano]

### Compromisso com a psicoterapia

Segundo três entrevistados, os homens são mais comprometidos com a psicoterapia do que as mulheres. Eles faltariam raramente e seriam mais disciplinados com os horários. Nas palavras de Letícia:

“O homem é mais disciplinado com os horários. Por exemplo, geralmente... O meu cliente masculino, quando liga para desmarcar aquela sessão, na mesma ligação ele já quer deixar a próxima sessão remarçada.” [Letícia]

Letícia pontuou que, devido o grande comprometimento dos homens com a psicoterapia, eles se aprofundam mais em suas questões, propiciando tratamentos mais eficazes e breves.

“(…) depois que ele admite: ‘Eu quero. Eu chego.’ Ele vai produzir muito melhor. Mais rapidamente do que a mulher. Ele vai mais fundo. Ele se compromete mais. O homem é mais disciplinado com os horários...”

Destaca-se, ainda, no discurso de Letícia, sua pontuação de que seus clientes homens preferem o horário da noite.

“(…) geralmente, os homens acabam preferindo os horários da noite... Os homens, eles gostam da noite. Então, por exemplo, normalmente, meus horários das oito e nove da noite, quase todos, são masculinos. Eles preferem. Eles, às vezes, até experimentam os horários das sete, oito horas da manhã, que é antes de irem para o trabalho. Mas eles não produzem. Eles próprios falam ‘Ah, eu não produzo tão bem. Parece que eu fico meio sonolento. Prefiro vir à noite, que eu estou mais ligado e saio daqui mais relaxado.’” [Letícia]

Almir e Letícia afirmam que os homens são mais “fiéis” ao psicoterapeuta, ou seja, costumam permanecer com o mesmo profissional ao longo da vida.

“Tenho clientes de muitos anos. Homens de uma fidelidade, assim, incrível.” [Almir]

Almir acrescentou que os homens permanecem mais tempo em psicoterapia do que as mulheres.

“O homem é assim, ele custa a ir. Mas se ele pega e percebe que tem qualidade na relação, ele fica mais [tempo] do que as mulheres. Isso é interessante... Não faltam nunca!” [Almir]

### Expectativa dos homens na psicoterapia

Para Cláudio e Elisa, quando os homens chegam à psicoterapia pela primeira vez, eles têm a expectativa de conseguirem uma fórmula objetiva, prática, ágil, eficiente e duradoura para seus problemas. Nas palavras dos entrevistados:

“Eu acho que é isso: ‘Como eu devo agir?’ ‘O que eu devo fazer?’ Uma coisa muito prática... O que eu digo para eles: ‘Posso te dar fórmulas. Você vai aplicar, ou não vai aplicar. Vai ver se dá certo ou se não dá certo. Agora, é um modelo para aquilo ali... Você vai sempre ficar dependente de uma terapia para poder lidar. Ou então um outro caminho, vamos pensar um pouco maior. Se conhecer um pouco mais. Vamos ver como você costuma fazer. Quais são os seus recursos, ou não? E isso, você vai levar para outros relacionamentos.’” [Cláudio]

“(...) ele tem uma cabeça muito cartesiana. Ele vem fazer uma terapia cognitiva... O que a gente chama de uma terapia cognitiva? Ele busca compreender, busca informações. Tudo muito pela compreensão. Uma entrada mais racional.” [Elisa]

#### Diferenças entre os homens segundo a faixa etária

Quatro entrevistados pontuaram haver distinções entre os clientes homens de acordo com a faixa etária em que se encontram. Apenas três entrevistados foram mais claros sobre as diferenças de idade. Cláudio, por exemplo, salientou que os clientes homens mais jovens mostram-se mais flexíveis em seus comportamentos, relacionamentos, pensamentos e, especialmente, na forma como se expressam e lidam com suas emoções.

“(...) Então, tem também esse outro viés aí, que é a geração, que faz muita diferença. Atender homens com mais idade... vamos dizer assim, com um padrão mais antiquado de comportamento. E os mais jovens que têm uma flexibilidade, acho que posso dizer assim, muito maior em termos de relacionamento, em termos de abordagem, de pensamento, de contato com emoções, com sentimentos, com a expressão! Eu acho que a melhor palavra é essa. A expressão mesmo de afeto, de sentimento... os mais velhos são... se fosse botar numa escala, são os mais dentro do estereótipo da objetividade... muito mais de responder perguntas do que de falar de si, de se estender, de trazer as problemáticas. Quer dizer, trouxe a problemática e está ali para responder perguntas...” [Cláudio]

Rodrigo, no entanto, salientou que por volta dos 30, 40 anos, os homens estão preocupados com a profissão e problemas conjugais. Aos 50 e 60 anos, questionam o sentido que deram a própria vida, realizam separações tardias. Depois dos 60 anos, surgiriam questões relacionadas às limitações impostas pela senilidade.

“Problemas de insegurança, em termos profissionais, sociais, problemas conjugais... na faixa de 30, 40 anos. Crises de sentido, na faixa de 40, 50 anos...”

essa faixa acima de 50 e 60 é uma faixa que, às vezes, aparece muito questionamento de sentido de vida, projeto, essas coisas. Às vezes, separações mais tardias. Um pouco mais adiante, já assim, já nos 60, aparece, às vezes, crises motivadas por problemas de saúde.” [Rodrigo]

Sabrina corroborou o ponto de vista de Rodrigo: até os 40 anos os homens buscam equilibrar as questões profissionais e emocionais. Mas para ela, desta faixa etária em diante, são as questões emocionais que se tornam preponderantes na vida dos homens.

“Acho que entre 25, 30 e 40 anos... o homem, realmente, está preocupado em equilibrar as questões emocionais e as questões de trabalho. Bom, o jovem, entre 20 e 25 anos, ainda tem bem essa medida. E o homem mais velho, ele está bem no campo emocional, está querendo cuidar da vida emocional dele. Até porque, assim, a gente vive um momento de casamentos e recasamentos...” [Sabrina]

### Homens e trabalho

Quatro entrevistados salientaram a importância do trabalho na vida dos homens. Dois deles destacaram a importância da profissão do cliente homem no trabalho clínico, pois ajudaria o psicoterapeuta a compreender o cliente. Sabrina, por exemplo, comentou como a profissão do cliente a ajuda a comunicar-se com ele e a conhecê-lo.

“(...) eu sempre levo muito em consideração a profissão... o aspecto profissional no homem define muito o tipo de personalidade, organização emocional, forma de fazer contato, do que ele se dá conta, a escala de valores. Então, eu presto muita atenção ao tipo de profissão que aquele homem escolheu. E eu costumo conversar, fazer a terapia, dentro do código de entendimento dele. Então, por exemplo, se o meu cliente é um analista... eu trabalho muito com a linguagem analítica. Se o meu cliente é engenheiro, eu vou dar exemplos de construção. Se é jornalista, eu uso linguagem mais intelectual. É assim, eu acho que é a porta de entrada, o trabalho... mesmo que o tema seja relacionamento, a questão profissional é muito forte. E eu acho que afeta muito a emocionalidade dele.” [Sabrina]

Os demais entrevistados comentaram sobre a tradição masculina de trabalhar e o quanto isto torna difícil para os homens abrirem mão do trabalho remunerado, da vida pública, para devotarem-se ao lar, à vida domiciliar. Felipe, por exemplo, fez este comentário salientando a dificuldade do homem em tornar-se financeiramente dependente da mulher.

“(...) seu marido recebeu um convite para fazer um doutorado nos Estados Unidos. O que você faz? Legal, vai com ele... suspende suas atividades aqui e vai com ele. Agora vamos imaginar o contrário. É você quem vai fazer o doutorado e ele tem um trabalho aqui. Para ele fica muito mais difícil abrir mão disso. Ele fica com

medo, talvez. Eu não quero dizer que todos os homens façam isso. Mas é mais difícil. ‘Pô, eu vou para lá ficar com ela, vou ficar sustentado por ela. E depois, como é que eu vou voltar?’. Podem surgir mais problemas com o homem do que com a mulher. Mas, por quê? Porque existe a tradição de trabalhar muito mais antiga para o homem do que para a mulher...” [Felipe]

### Mecanismos de defesa dos homens na clínica

Conforme cinco entrevistados, os homens na clínica apresentam condutas defensivas, como se expor pouco, evitando falar sobre seus medos e inseguranças, sobre suas limitações e fragilidades. Almir, por exemplo, comentou que os homens estão constantemente defendidos e se mostram cautelosos com tudo o que dizem.

“Mas sempre eu vejo, assim, o homem mais... nunca perde essa coisa, assim, meio de uma certa proteção... A mulher não. A mulher não tem essa. Isso é um barato também! Nesse ponto ela é mais livre. De falar dela... tem mais facilidade (...) O homem não. Ele está sempre como se tivesse alguém escutando ele falar (...) O homem, eu acho que ele não se vê sem essa, essa coisa, tendo que se proteger não, sabia? Ele tem medo. Eu acho, o homem, ele tem medo de se abrir. Acho que em tudo.” [Almir]

Adriano salientou que os homens usam de eufemismos para falar de suas inseguranças na clínica, e que eles assumiram menos responsabilidade por seus erros, por sua situação.

“Uma mulher, por exemplo, eu acho que ela fala muito tranqüilamente de suas inseguranças, de suas sensações de fragilidade. O homem, para falar de sua fragilidade, usa de voltas e eufemismos...” [Adriano]

“Os homens, mais do que as mulheres, me parece, eles colocam a responsabilidade das suas mazelas no exterior, nos outros. Como faz isso? Os homens fazem isso com mais ênfase, com mais certeza. Os outros é que estão agindo erradamente, que estão boicotando, atrapalhando...” [Adriano]

Segundo Almir e Elisa, a conduta de não se expor não se restringe à clínica. Ela estaria presente em todas as relações dos homens, especialmente, nas relações entre eles. Em suas palavras:

“(...) Porque o homem, sei lá, tem mais um certo pudor... de falar dele. Entendeu? Ainda mais para outro homem! Falar dele para outro homem.” [Almir]

“(...) porque, eu acho, que entre eles, eles não falam tão facilmente. Quer dizer, que fizeram terapia, que foi bom para ele, que você deveria ir. Porque, nem ele conta muito para os amigos o que está acontecendo com ele e nem os amigos, que já passaram por algum processo terapêutico, falam o que já fizeram.” [Elisa]

Conforme quatro entrevistados, outra conduta defensiva dos homens na clínica é o que Adriano chamou de “mudança de ênfase”. Os homens começariam falando de assuntos mais objetivos, concretas, como o trabalho, para, aos poucos, apresentarem suas questões emocionais, inseguranças e intimidades. Nas palavras de Adriano:

“Isso é uma mudança de ênfase. Me parece que, muitas vezes, acontece na relação terapêutica com os homens. Começam pelas objetividades, começam na forma, falando do concreto. Pouco a pouco eles vão afinando, desengrossando a voz. Digamos assim, para falar sobre questões mais afetivas, emocionais, de inseguranças, de intimidades, na relação com a mulher.” [Adriano]

### Os modos de expressão dos homens

Seis entrevistados se referiram a peculiaridades na forma como os homens se expressam. Cinco deles salientaram que os homens apresentam uma visão objetiva dos fatos. Neste sentido, eles seriam mais sintéticos ao contarem situações que vivenciaram; concentrariam-se e aprofundariam as questões abordadas, mudando menos de um assunto para outro; e recorreriam ao relato de experiências concretas, factuais, para se expressarem. Como exemplifica Letícia:

“Os homens têm como característica maior objetividade. São mais sintéticos ao falarem, viajam menos, assim, em termos de contar vários assuntos e emendar um assunto no outro. Isso é mais característico do feminino do que da clientela masculina (...) [O que seria uma experiência concreta?] Por exemplo, quando ele quer falar dele, ele vai lá. Por exemplo, ‘hoje no trabalho, eu estava passando por uma determinada sala e ouvi um amigo’. Ele vai na situação, entendeu? Ele não fica ‘Ah, eu fico pensando, lá no meu trabalho, se eu levantasse daqui, se eu passasse...’ Não! Ele vai direto na situação. Eles se utilizam muito das próprias vivências para falar deles.” [Letícia]

Segundo quatro entrevistados, os homens se pronunciam menos do que as mulheres. Para eles, os homens teriam dificuldade de traduzir seu conhecimento em palavras, e, conseqüentemente, teriam maior dificuldade de falar sobre si, de se expressar, de abordar e desenvolver assuntos. Conforme pontua Sabrina:

“Para os homens, às vezes, é mais difícil falar sobre eles ou demonstrar que têm um bom conhecimento e traduzir isso em palavras. Porque ele pode até ter, mas é difícil ele colocar em palavras.” [Sabrina]

Segundo Cláudio, diante da dificuldade dos homens em se expressar verbalmente, de colocar em palavras o que pensam e sentem, eles recorreriam à ação e a violência, como forma de se fazer entender.

“Isso é bem marcante, a dificuldade de expressão e a coisa ir para a ação, para se fazer alguma coisa.” [Cláudio]

Considerando peculiaridades de expressão dos homens na clínica, Sabrina pontuou que eles recorrem mais ao humor durante a psicoterapia, ao falarem de suas questões, do que as mulheres.

“Os homens usam mais do humor na terapia. O humor sobre si mesmo. Fazem brincadeira sobre as situações difíceis que estão passando. Quase como uma tendência, assim, de dar um refresco, relaxar um pouco com a situação que é difícil.” [Sabrina]

### Emoções

Sete entrevistados citaram particularidades na forma como os clientes homens lidam com as emoções. Para seis deles, os homens têm uma relação mais restrita com as emoções. Eles tenderiam a entrar menos em contato com as emoções, conteriam mais a expressão delas e as demonstrariam e mencionariam menos do que as mulheres. Cláudio, por exemplo, pontuou que os homens são contidos em relação a todas as emoções, exceto com a raiva:

“(…) [eles se expressam] de uma forma difícil, de uma forma mais contida. A única expressão possível para os homens é a raiva. O resto é supérfluo, desnecessário...” [Cláudio]

De acordo com cinco entrevistados, os clientes homens evitam entrar em contato com as emoções. Eles se esquivariam dos assuntos que as eliciam para não falar sobre elas ou não as demonstrariam. Nas palavras de Elisa e Adriano:

“Um homem chorar durante a sessão é muito menos freqüente do que uma mulher chorar. Eu acho que eles aprendem a se segurar mais, a demonstrar menos, a fazer um pouco de evitação na hora em que percebem que estão se emocionado mais do que eles acham que deveriam. Então, eles querem mudar de assunto. Eles querem logo dar um jeito daquilo não ficar tão claro, para ele e para a pessoa que está lá, a terapeuta (...) Eu acho que eles têm mais dificuldade de demonstrar, acho até de falar ‘fiquei muito triste’, ‘fiquei com muita raiva’, ou ‘fiquei num momento de medo.’” [Elisa]

“(…) quando se trata de referência emocional, por exemplo, quando eu faço uma ponte qualquer de caráter emocional, uma associação, chego perto de alguma coisa emocional, a tendência ‘resitencial’ aparece. Principalmente pela substituição do tema por temas mais concretos, objetivos...” [Adriano]

As explicações para a conduta dos homens de evitar as emoções variaram. Almir, Cláudio e Sabrina consideram que os homens aprendem a reconhecer as

emoções como sinal de fragilidade. Nas palavras de Sabrina:

“Eu acho que tem uma questão cultural, que afeta o desenvolvimento emocional. Como se eles realmente fossem educados e criados para ter pouco acesso. Aquela coisa do chorar, do se emocionar. Há uma relação entre emoção e fragilidade. Tem essa construção...” [Sabrina]

Cláudio, assim como Rodrigo e Adriano, pontuou que os homens não dariam tanta atenção às emoções. Para Cláudio e Rodrigo, os homens, por serem mais racionais, mais práticos, deixariam as emoções em segundo plano. Adriano, por sua vez, acrescentou que os homens teriam dificuldade de reconhecer, entender e associar as emoções. Para ele, os homens perceberiam as emoções como empecilhos, obstáculos.

“Hoje, a ênfase é muito mais na dificuldade das vivências emocionais, o pai ausente, exigente... nas objetividades da vida, na visão objetiva das coisas, que as coisas emocionais ficam sempre num segundo plano (...) [O que exatamente você quer dizer com dificuldade das vivências emocionais?] De reconhecer as emoções, eu acho. De falar delas. De tentar entendê-las. De tentar associá-las. De uma maneira geral, as emoções são consideradas obstáculos.” [Adriano]

Relativo ao tema da emocionalidade dos homens, destaca-se ainda o discurso de dois entrevistados. Rodrigo, após pontuar que não há diferenças na forma como os homens e as mulheres lidam com as emoções, afirmou que alguns homens têm uma relação mais restrita com as emoções, e que as mulheres, às vezes, teriam dificuldade de racionalizá-las. Em suas palavras:

“(...) Eu acho que as mulheres, às vezes, têm mais dificuldade de racionalizar as emoções... eu não chegaria a dizer que é uma característica geral da clientela masculina, que eu tenho atendido, uma dificuldade de ter contato com as emoções.” [Rodrigo]

Letícia, por sua vez, pontuou que homens e mulheres vivem as emoções da mesma forma, mas as expressam de modos diferentes. Ela salientou ainda, ao longo de sua entrevista, que os homens apresentam traços de maior rigidez em relação às emoções. Para ela, eles não colocam em dúvida seus sentimentos e são mais assertivos e mais autênticos do que as mulheres quando falam das emoções.

“(...) eu não tenho a impressão que o homem tem mais dificuldade de abordar as emoções do que a mulher. Só que ele faz caminhos diferentes. A mulher pode cair logo no choro, na emoção. Ele faz caminhos reais e concretos e chega na emoção. Eu acho que... normalmente, o homem se utiliza de caminhos diferentes.” [Letícia]

## 7.2 Discussão

Os dados recolhidos no estudo de campo foram muito ricos e atenderam aos objetivos da pesquisa. Ao longo da análise, duas questões se tornaram mais presentes: como gênero emerge na clínica psicológica? **E como os homens estão lidando com as mudanças nas relações de gênero, na ótica dos psicoterapeutas?** Assim, embora sejam abordados aqui todos os objetivos propostos, a discussão é norteada por estas duas questões mais amplas.

### 7.2.1 Gênero na clínica psicológica

Ao longo da análise dos dados, tornou-se evidente que apesar da *reação dos entrevistados* (7.1.1) de cautela ao se pronunciarem sobre os temas abordados na entrevista, suas crenças e opiniões sobre os sexos emergiram em seus discursos. Todos os entrevistados apresentaram pelo menos uma das seguintes ações: fazer menção a características comuns aos homens ou às mulheres; recorrer a relatos pessoais para explicar as relações de gênero ou à própria relação com o sexo oposto; discorrer sobre a importância do sexo na relação cliente-psicoterapeuta; mostrar-se identificado com um dos sexos. Tais condutas sugerem a presença de questões de gênero na clínica dos entrevistados. Salienta-se, no entanto, que gênero emerge como crenças pessoais e representações culturais dos sexos e não como um discurso crítico sobre estas.

As condutas dos entrevistados mencionadas acima, sugerem também a fragilidade do ideal de imparcialidade, pelo menos no que diz respeito a gênero. Conforme salientado nos estudos de identidade, gênero perpassa a vida das pessoas de modo tão amplo que influencia a percepção de si e de mundo e orienta os comportamentos das pessoas; portanto não estando os psicoterapeutas e seus clientes isentos disso.

Alguns discursos de entrevistados são ilustrativos da ausência de imparcialidade destes em relação a questões de gênero. A fala de Almir, por exemplo, apresentado no tópico 7.1.3. O entrevistado destacou-se dos demais pela transparência e assertividade com que expressou suas crenças de gênero. No relato em questão, ele manifestou sua insatisfação com a conduta das mulheres de lutar por emancipação e responsabilizou o movimento delas pela desestruturação

familiar, que acredita haver hoje. O entrevistado sugeriu ainda que a entrada da mulher no mercado de trabalho não foi por necessidade e que ao fazê-lo elas trouxeram um grande problema às relações de gênero, sendo responsáveis pela desestruturação dos homens.

Analisando o mencionado discurso de Almir, observa-se tanto uma perspectiva pessoal sobre as relações de gênero, como uma perspectiva unidimensional dos movimentos das mulheres e da atual organização familiar. Ao se remeter a sua relação com a irmã para explicar seu ponto de vista sobre as relações de gênero, o entrevistado explicitou sua crença pessoal de gênero e a tomou como referência para as relações de gênero em geral. E seus comentários sobre o movimento das mulheres e sobre a atual organização familiar ignoram todas as demais influências sociohistóricas e políticas responsáveis por ambos os movimentos, como as mudanças econômicas que favoreceram a entrada da mulher no mercado de trabalho, sua emancipação, a redução da estrutura familiar, a maior divisão de tarefas entre homens e mulheres, conforme observado no capítulo 5, na história da família brasileira.

Outras falas que merecem atenção são as de Cláudio, Adriano e Almir, citados no tópico 7.1.4. Ao discorrer sobre as exigências das mulheres sobre os homens, observa-se certo tom vitimado sobre a situação dos homens. Este dado sugere identificação dos entrevistados com o grupo em questão, fazendo questionar, novamente, a imparcialidade do psicoterapeutas na clínica no que diz respeito a gênero.

Atentando para as representações de gênero presentes no discurso dos entrevistados e para o fato de a maioria deles alegar não atentar à categoria “sexo” em sua prática clínica (7.1.3 - *gênero na clínica*), algumas perguntas emergem: Como gênero aparece na clínica psicológica e quais são as suas implicações? Até que ponto as próprias concepções de gênero dos psicoterapeutas interferem em sua prática clínica? Como e quais são as suas conseqüências? Será que é possível aos psicoterapeutas não atentarem para gênero em sua clínica, considerando que este constructo pauta a compreensão de si e do outro?

Buscando responder estas perguntas, faz-se necessário voltar a atenção à concepção de gênero empregue pelos entrevistados e às afirmações realizadas por eles sobre a clientela masculina.

### A concepção de gênero

O emprego do termo gênero pelos entrevistados como sinônimo de sexo biológico e a concepção romântica e heterossexual atribuídas por eles às relações de gênero estão bem distantes das discussões de poder, injustiça e desigualdades presentes nos recentes estudos de gênero.

A *concepção de gênero* (7.1.2) apresentada pelos entrevistados como um sistema binário e heterossexual corresponde à perspectiva mais adotada no senso comum (Badinter, 1993; Costa 1995; Foucault, 1977, 1984) e na maioria dos estudos psicológicos de gênero na sociedade ocidental (Hare-Mustin e Marecek, 1988; Marecek, 2001; Petersen, 2003). Embasada no sexo biológico, esta perspectiva de gênero o estabelece com algo inerente ao indivíduo, responsável pela personalidade ou por processos cognitivos. Segundo Bohan (1993), trata-se de uma abordagem essencialista de gênero, pois este é percebido como um atributo interno, persistente, que normalmente não se relaciona com o contexto sócio-histórico e político. Esta perspectiva pode ser facilmente observada nas afirmações categóricas e universalistas dos entrevistados sobre *o cliente masculino* (7.1.6).

Segundo Bohan (1993), a percepção de gênero como algo natural surge devido à presença de gênero na maioria das interações cotidianas. A todo instante, as pessoas recebem informações sobre como fazer gênero. Com o tempo, observa a autora, este processo se tornaria tão familiar, que as pessoas passam a experienciá-lo como sendo parte de si, como sendo algo interno e natural de sua identidade. Conseqüentemente, esta percepção faz com que as pessoas atendam ainda mais às prescrições e às proscricões sociais de gênero.

Conforme salientado por Bohan (1993), o essencialismo baseia-se em afirmações generalistas, estabelece as experiências de homens e de mulheres como sendo iguais para todos do grupo em questão, negando-se as idiossincrasias de cada sujeito - tão valorizadas na psicologia. O essencialismo de gênero, por sua vez, nega a multidimensionalidade de gênero - amplamente aceita hoje nos estudos de gênero.

A perspectiva binária e heterossexual de gênero, segundo Bohan (1993), Butler (2003), Hare-Mustin e Marecek (1988) mostra-se problemática, pois traz conseqüências coercitivas e reguladoras. Ao se separar as pessoas entre homens e mulheres e definir o que é característico de cada grupo, homogeneízam-nas e lhes

negam suas particularidades. Além disso, a conduta de homens e mulheres passa a ser limitada por suas definições de gênero e eles vivem sob a ameaça de sanções sociais, caso tentem ser algo diferente do que lhes é imposto.

Salienta-se que a homogeneização intragrupo ocorre, segundo Hare-Mustin e Marecek (1988), com maior força nos grupos que detém menos poder. Assim, enquanto a atitude negativa de uma mulher é estendida para todo o grupo das mulheres, a atitude negativa de um homem não o é. Neste sentido, ao empregarem a concepção essencialista e binária de gênero, os entrevistados, provavelmente, ignorariam as peculiaridades raciais, étnicas, de idade, de classe, de estado civil e as circunstâncias sociais presentes na experiência de cada cliente, especialmente naqueles que fazem parte dos grupos menos poderosos.

A perspectiva heterossexual é tão grave quanto a perspectiva binária de gênero, pois não apenas limita o exercício da sexualidade das pessoas, ao partir do princípio que é natural a atração sexual entre indivíduos de sexo oposto, como transforma qualquer outra forma de sexualidade em problemática e patológica. Neste sentido, naturalizando gênero como sinônimo de homem e mulher e exaltando a perspectiva heterossexual, conforme fizeram os entrevistados, corre-se o risco de reduzir gays, lésbicas, travestis e transexuais a malformações orgânicas.

Destaca-se ainda o caráter político por trás da compreensão binária e heterossexual de gênero. Conforme assinalado por Costa (1995), Foucault (1977, 1984) e Laqueur (1990), este sistema de gênero foi estabelecido no final do século XVIII, para atender os interesses da burguesia ascendente, que precisava justificar a desigualdade entre homens e mulheres. Segundo Butler (2003), a concepção heterossexual binária é uma ficção reguladora que ajuda a sustentar até hoje a hegemonia masculina. Como salienta a autora, o paradigma atual da heterossexualidade é mantido por normas e práticas reguladoras, que buscam estabelecer linhas causais entre o sexo biológico, o gênero culturalmente construído e a expressão de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual.

Neste sentido, ao reiterar a concepção de gênero como um sistema binário e heterossexual, os entrevistados estariam favorecendo a soberania sociopolítica masculina e ajudando a sustentar as desigualdades sociais.

Destaca-se também que a perspectiva essencialista de gênero, presente na

concepção dos entrevistados, ao estabelecer gênero como uma característica inerente às pessoas, confere ao indivíduo total responsabilidade por sua condição. Como observa Bohan (1993), se a pessoa é vítima de sexismo ela torna-se a própria responsável por isso e não o sistema social em que está inserida. Assim, incrimina-se a vítima e negam-se os abusos de poder e desigualdades presentes na sociedade; buscam-se transformações internas dos indivíduos e não sociais.

A exaltação da perspectiva essencialista de gênero e de responsabilização interna da vítima, segundo Bohan (1993), contribui para destituir os movimentos das minorias – mulheres, negros, homossexuais – de seu caráter político revolucionário e para transformá-los em meras doenças mentais. Assim, os entrevistados, ao empregarem a perspectiva essencialista de gênero, podem estar propiciando a culpa nos clientes vítimas de sexismo e desfavorecendo os movimentos sociais que podem, com maior abrangência, contribuir para a redução do preconceito sexual.

Em conformidade com a concepção binária e heterossexual de gênero, os entrevistados referiram-se às diferenças entre os sexos, seja comparando-os ou opondo-os. Contudo, como salientado no capítulo 3, *Gênero e Psicologia*, apesar dos ganhos que o foco nas diferenças traz, ele tem pouco valor explanatório e ajudaria a mascarar desigualdades e conflitos entre homens e mulheres (Bohan, 1993; Hare-Mustin e Marecek, 1988; Marecek, 2001).

A valorização de traços femininos atenuou a desvalorização cultural da mulher, deu-lhe maior amor-próprio, promoveu a diminuição da agressividade, do individualismo e permitiu o desenvolvimento de uma ética social feminista, conforme Bohan (1993), Hare-Mustin e Marecek (1988) e Marecek (2001). Contudo, segundo os autores, estabelecer diferenças fundamentais entre homens e mulheres ajuda a sustentar a percepção essencialista de gênero como um sistema binário heterossexista e todas as suas conseqüências mencionadas acima – homogeneização das pessoas; negação da multidimensionalidade de gênero; regulação e coerção sobre os comportamentos das pessoas; patologização das diferenças; incriminação da vítima e negação do contexto sócio-histórico e político; promoção das injustiças e desigualdades sociais; sustentação da homogenia masculina.

Como pontuaram Biasoli-Alves (2000), D’Incao (1996) e Del Priore (2004), a sociedade brasileira ainda é patriarcal. Ou seja, dominada pelo homem. Este fato

faz supor que qualquer característica não definida como feminina seria masculina, ocorrendo, assim, uma maior restrição às mulheres em sua liberdade de ação e, conseqüentemente, em seu poder. Representações oposicionistas do masculino e do feminino agravam esta situação, pois tal representação de gênero impossibilita a adoção de traços masculinos pelas mulheres e vice-versa. Podendo ocorrer, inclusive, como salientou Hare-Mustin e Marecek (1988), a negação de condutas de homens ou de mulheres como forma de sustentar algum traço como sendo unicamente de um deles, como, por exemplo, ignorar a contribuição do trabalho da mulher como forma de sustentar a ilusão da autonomia dos homens no trabalho e em casa.

Conforme Butler (2003), Citeli (2001), Hare-Mustin e Marecek (1988), Journet (2002), Rampage e Avis (1998) e Wilden (1972 *apud* Hare-Mustin e Marecek, 1988), o estabelecimento de diferenças entre os sexos seria um mecanismo de manutenção das hierarquias de poder. No caso, justificam-se, por exemplo, as funções sociais de homens e mulheres pela sua constituição biológica, negando-se, assim, que esta distribuição de funções resulte, na verdade, de diferenças de poder e de injustiças sociais entre os sexos. Esta perspectiva é facilmente observada em estudos da sociobiologia e estudos antropológicos do século XIX, que justificavam a restrição das mulheres ao poder e ao âmbito público, devido à necessidade destas em cuidar da prole. Salienta-se que esse argumento fundamenta ainda muitos discursos sobre gênero, inclusive sendo repetido por alguns dos psicoterapeutas entrevistados.

Segundo Wilden (1972 *apud* Hare-Mustin e Marecek, 1988), a injustiça só pode ser mantida pela negação da inter-relação entre as partes. Neste sentido, o estabelecimento de características opostas entre os sexos, ajuda a preservar o *status quo* das relações de gênero. Como pontua a autora, ao se falar em características opostas entre os sexos, como homens racionais e mulheres emocionais, sugere-se simetria a uma relação que é desigual. Ou seja, disfarça-se a dominação masculina.

Hare-Mustin e Marecek (1988) e Rampage e Avis (1998) salientam que os comportamentos distintos exercidos por homens e mulheres podem decorrer da própria localização dos indivíduos na estrutura hierárquica de poder. Ou seja, as mulheres, por terem menos poder na relação com os homens e dependerem deles, mostrar-se-iam mais afáveis e solícitas, por exemplo, a fim de conseguir reprimir

e aplacar a raiva deles.

Como se observa, a produção de diferenças entre homens e mulheres, como opostas ou não, ao mesmo tempo em que podem ser mecanismos da atual hierarquia de poder, também podem ser conseqüências desta. Contudo, em ambos os casos, ajudam a sustentar o *status quo*. Assim, ao exaltar condutas como distintas a cada sexo ou descrevendo-os como opostos ou complementares, os entrevistados ajudariam a reforçar o atual e desigual sistema hierárquico de poder.

Mas a problematização do emprego de gênero pelos entrevistados não termina aqui. Considerando o discurso deles sobre *gênero na clínica* (7.1.3), observa-se que enquanto três deles assumem diferenças entre homens e mulheres – favorecendo o sistema binário heterossexual mencionado acima –, os demais afirmam não atentar para isso em sua clínica, alegando, em sua maioria, que o sexo dos clientes não é relevante em sua prática.

O discurso dos sujeitos que negam a importância de gênero na clínica, pode ser interpretado como um discurso formal de imparcialidade, ou seja, uma tentativa de ignorar as diferenças entre homens e mulheres e tratá-los como iguais. Neste sentido, eles possivelmente realizariam o que Hare-Mustin e Marecek (1988) denominaram de *beta bias*, ou minimização das diferenças. Faz-se necessário ressaltar que, diante da concepção de gênero empregue pelos entrevistados e dos discursos generalistas sobre a clientela masculina apresentados por todos eles, possivelmente a conduta de ignorar as diferenças e tratar homens e mulheres como iguais nem sempre prevaleça.

A minimização das diferenças entre homens e mulheres, embora tenha conseguido para a mulher *status* e direitos mais próximo aos dos homens, também tem ajudado a perpetuar ou produzir desigualdades, segundo Hare-Mustin e Marecek (1988) e Rampage e Avis (1998). Homens e mulheres têm, normalmente, diferentes acessos aos recursos econômicos e sociais, acarretando desigual poder entre eles. Além disso, suas ações são interpretadas de formas diferentes devido às representações socioculturais sobre o seu sexo. Ignorar estes fatos, por exemplo, tentando ser neutro e tratando homens e mulheres como iguais na terapia de casal, ajuda a perpetuar as injustiças e desigualdades na relação. Como ressaltam Hare-Mustin e Marecek (1988) e Rampage e Avis (1998), em qualquer sociedade em que há um grupo dominante, normalmente, tentativas de ações neutras só o favorecem.

Ao mesmo tempo, ignorar que devido à própria condição física, homens e mulheres tenham necessidades particulares, produz ainda mais desigualdades. Por exemplo, a falta de acomodações no ambiente de trabalho ou de leis trabalhistas que reconheçam e respeitem a maternidade dificulta a entrada e permanência das mulheres no mercado de trabalho.

Conclui-se assim que ambas as condutas realizadas pelos entrevistados, a diferenciação exagerada ou a minimização das diferenças de gênero, ajudam a sustentar o *status quo* e a presente dominação masculina. Como salientado por Bohan (1993), Hare-Mustin e Marecek (1988) e Marecek (2001), o foco na diferença é uma forma problemática e paradoxal de construir gênero, pois ajuda a marginalizar e obscurecer a inter-relação entre homens e mulheres, restringe as formas de ser das pessoas, esconde o sexismo institucional e a extensão da autoridade masculina e, conseqüentemente, reforça e sustenta a própria representação de gênero vigente.

A percepção essencialista binária e heterossexual de gênero presente no discurso dos entrevistados e reafirmada pela conduta deles de diferenciação dos sexos nega as particularidades de cada sujeito e os contextos sócio-históricos e políticos no qual ambos, cliente e psicoterapeuta, estão inseridos. Além disso, ao empregarem esta concepção de gênero com os clientes, os entrevistados reiterariam este sistema de crenças e todas as suas conseqüências.

Embora alguns entrevistados aleguem atentar para o sexo dos clientes em sua prática clínica, observa-se que em momento algum isto é feito numa perspectiva crítica sobre as implicações sociopolíticas desta categoria. Neste sentido, compreende-se que os entrevistados não atentam para gênero em sua prática clínica. Considerando esta observação e a emergência de crença sobre gênero no discurso dos entrevistados, supõe-se certa indiferença ou certo desconhecimento por parte deles em relação aos estudos e às questões de gênero.

Ao empregar o termo gênero como sinônimo de sexo biológico, salienta-se que os entrevistados destituem o termo de seu real significado. Segundo Marecek (2001), esta conduta dificulta o desenvolvimento dos estudos de gênero, o reconhecimento das questões de gênero e transforma as conquistas feministas em casualidades. Conforme a autora, os psicólogos têm dado pouca atenção aos sentidos alternativos de gênero produzidos em outras disciplinas e, assim, continuam favorecendo a concepção de gênero como um atributo pessoal, o que

dificulta ainda mais sua problematização.

Conforme salientado por Marecek (2001), os estudos psicológicos feministas – ou talvez seja melhor dizer os estudos de gênero em geral – têm sido deixados à parte na Psicologia. Eles são marginalizados, não estando presentes nas discussões teóricas e práticas psicológicas. A experiência acadêmica da autora desta dissertação corrobora este ponto, pois ao longo de seus estudos de graduação teve pouquíssimo contato com os estudos e discussões de gênero.

Entretanto, como se observou na discussão acima, mesmo a omissão, a indiferença ou o desconhecimento podem ter conseqüências políticas. Como pontuou Marecek (2001), nenhuma representação é neutra, toda psicologia que ajuda a sustentar o *status quo* também realiza política, mesmo que, segundo a autora, este ato seja menos visível.

Neste sentido, salienta-se a importância dos psicoterapeutas começarem a atender para as conseqüências políticas de sua prática. Eles precisam reconhecer, refletir e elaborar tanto suas próprias crenças sobre gênero, como a forma como este emerge em sua formação, teorias e práticas. Pois enquanto não o fizerem, correm o risco de perpetuar crenças sexistas, sustentar desigualdades e produzir injustiças.

Salienta-se também a importância dos psicólogos clínicos estarem atentos aos trabalhos de outras disciplinas sobre gênero, a fim de ampliar seus conhecimentos e manterem-se atualizados sobre as principais e recentes discussões nesta área. Destaca-se a importância de uma abordagem transdisciplinar de gênero, para evitar uma perspectiva unidimensional sobre o contexto sócio-histórico e político em que clientes e psicoterapeutas estão inseridos.

### O cliente homem

Este tema emerge na discussão na forma do seguinte dilema: As afirmações realizadas pelos entrevistados sobre *o cliente homem* (7.1.6) derivam de condutas dos homens na clínica ou de suas crenças pessoais sobre estes? Elas descrevem peculiaridades dos homens ou decorrem dos estereótipos de gênero? Com estas questões em mente, buscou-se discutir aqui as principais afirmações feitas pelos entrevistados sobre a clientela masculina.

Como salientado pelos entrevistados, *a presença de homens na clínica* tem aumentado nos últimos anos. Os homens estão aderindo mais à psicoterapia, segundo os entrevistados, tanto pelas mudanças nas relações de gênero, como pelo estilo de vida acelerado e dinâmico imposto na contemporaneidade. Estes pontos de vista corroboram as pontuações de Nolasco (1993b) de que os homens, diante das recentes mudanças sociais e culturais, estão buscando formas alternativas de subjetividade e, neste processo, recorrendo mais à psicoterapia.

Contudo, como salientado por quatro entrevistados, os homens ainda resistem em buscar ajuda, *iniciando a psicoterapia*, em sua maioria, quando encaminhados por parentes ou especialistas. Esta resistência em buscar ajuda pode ser uma das possíveis explicações para o histórico de menor presença de homens nos consultórios psicológicos.

A resistência dos homens em buscar ajuda pode ser compreendida pela ideologia masculina de se mostrar auto-suficiente. No processo de socialização os meninos são direcionados para o sucesso e, ao longo da vida, convivem com constantes exigências de alto nível de desempenho em suas atividades. A eterna necessidade de afirmar a própria masculinidade reforça nos homens a busca pela excelência, não havendo espaço para qualquer outra forma de masculinidade mais “humana” (Badinter, 1993; Connell, 1995; Nolasco, 1995a). Como pontuou Corneau (1995), o homem, como representante do poder, não pode se mostrar frágil, fraco ou doente.

Contudo, o comentário de Sabrina, sobre os homens estarem buscando com maior frequência psicoterapia de casal do que as mulheres, sugere a existência de uma maior flexibilidade nas relações de gênero hoje, que permite aos homens buscarem auxílio e fugirem da ideologia de auto-suficiência.

A resistência dos homens em procurar ajuda têm conseqüências importantes, segundo duas entrevistadas. A demora em iniciar a psicoterapia faria com que os homens chegassem na clínica com um sofrimento mais intenso e um *quadro clínico psicológico* mais grave do que as mulheres. Embora as estatísticas indiquem, normalmente, os homens à frente nos índices de mortalidade, de problemas com drogas, hiperatividade; hiperansiedade; incontinência noturna; dislexia; esquizofrenia; autismo doenças cardíacas, suicídio (Connell, 1995; Nolasco, 1994), não foram encontradas pesquisas que afirmem que eles constituam os casos mais graves; ou que eles são mais obsessivos, conforme

mencionado por um entrevistado.

A afirmação de três entrevistados sobre os homens apresentarem maior *compromisso com a psicoterapia* e a de dois deles sobre a maior fidelidade dos clientes homens em relação ao psicoterapeuta, também não se encontram em pesquisas. Contudo, considerando a restrita comunicação íntima dos homens e entre os homens, devido às demandas de antifeminilidade e homofobia presentes na ideologia masculina (Connell, 1995; Nolasco, 1993b), supõe-se que o psicoterapeuta, quando consegue estabelecer uma relação de confiança com seus clientes e os ajuda a desenvolver tal expressão, se tornaria muito valioso para eles, assim como o espaço psicoterapêutico. Em decorrência disto, os homens apresentariam maior fidelidade para com o psicoterapeuta, e maior compromisso com a psicoterapia.

Em relação ao maior tempo de permanência dos homens em psicoterapia ou melhor produtividade deles na clínica, conforme pontuado por uma entrevistada, não se encontrou dados de pesquisa que corroborem tais afirmações.

As *expectativas dos homens na psicoterapia*, descritas por dois entrevistados como o desejo por uma fórmula objetiva, prática, ágil, eficiente e duradoura para os problemas, condizem com o estereótipo do homem objetivo e prático, presente na ideologia masculina brasileira (Nolasco, 1994, 1995a; Jablonski, 1995). Além disto, como pontuaram Connell (1995), Nolasco (1993b, 1994) e Levant (1996), a objetividade e a praticidade são condutas favorecidas no processo de socialização dos meninos.

Conforme Nolasco (1994), no processo de socialização, os meninos se voltariam para a realização de tarefas e desafios como forma de afirmarem sua masculinidade. Neste sentido, eles cresceriam dentro de uma cultura de objetividade, a qual estenderia as suas relações interpessoais, tratando os outros e a si mesmo como objetos.

*Diferenças entre os homens segundo a faixa etária* foram salientadas por quatro entrevistados e condizem com dados de pesquisas sobre emoção. Conforme Mahalik et al. (2001), pesquisas sobre emoção e gênero têm constatado que os homens jovens mostram-se mais fiéis aos papéis tradicionais de gênero e mais preocupados com trabalho, poder, competição. Já os homens mais velhos começariam a integrar mais aspectos da feminilidade, como maternagem e trariam mais questões emocionais e conflitos entre trabalho e família.

A relação entre *homens e trabalho* exaltada por quatro entrevistados, supõe-se respaldar no estereótipo do homem prático e instrumental, presente na ideologia masculina (Giddens, 1993; Jablonski, 1995; Nolasco, 1993b, 1994). Este estereótipo, segundo Nolasco, pautando a socialização dos meninos, os orienta para a realização de tarefas, direcionando-os cegamente para o mundo do trabalho. Como trabalho e provisão caminham juntos, agrega-se a sugestão de Giddens de que o homem, na conquista pelo poder, voltou-se para as atividades práticas da vida e, por isso, se devotaria tanto ao trabalho.

Quanto aos *mecanismos de defesa dos homens na clínica*, representadas pela resistência em se expor, demonstrar e reconhecer suas fragilidades, mencionadas por cinco entrevistados, condizem com a idéia de que os homens, diante das altas expectativas sobre o seu desempenho, sentiriam-se ameaçados ao se expor, ao falar de temas e situações que eles interpretam como frágeis e que contrariariam a ideologia masculina de auto-suficiência (Badinter, 1993; Connell, 1995; Corneau, 1995; Nolasco, 1993b). Como salientou Goleman (1995), ao longo do desenvolvimento, os meninos mostram-se mais hábeis em minimizar emoções que digam respeito à vulnerabilidade, culpa, medo e dor.

A mudança de ênfase ao longo da terapia, ou seja, a passagem de assuntos mais objetivos para assuntos mais íntimos, apresentada como um dos *mecanismos de defesa dos homens na clínica*, pode ser compreendida como fruto da consolidação da relação cliente-psicoterapeuta. O temor dos homens em se revelar, conforme mencionado acima, seria quebrado pela relação de confiança estabelecida com o psicoterapeuta.

A objetividade, considerada como um dos mais privilegiados *modos de expressão dos homens*, segundo cinco entrevistados, pode ser compreendida como resultante de uma das principais expectativas sociais que se tem sobre os homens, ou seja, que eles sejam objetivos e preocupados com questões concretas e pragmáticas, e não com questões emocionais e subjetivas. Como pontuado anteriormente, os meninos seriam socializados neste sentido, orientados para a realização de tarefas e para a praticidade (Jablonski, 1995; Levant, 1996; Nolasco, 1993b, 1994).

A dificuldade de expressão verbal dos homens, sugerida por quatro entrevistados, condiz com as afirmações de Cuschnir (2002), Levant (1996) e Nolasco (1993b, 1994) sobre este tema. Os autores pontuam que os homens têm

dificuldade de encontrarem canais adequados para sua expressão, recorrendo muitas vezes a formas inadequadas. Como pontuou um dos entrevistados, por exemplo, os homens recorreriam à ação e à violência para se fazer entender.

Em relação ao maior uso de humor pelos homens em psicoterapia, conforme mencionado por um entrevistado, não há dados de pesquisa que corroborem esta afirmação. Porém, o uso do humor pelos homens ao relatar seus problemas pode ser compreendido como uma forma de minimizá-los ou de mascarar a própria angústia e sofrimento ao mencioná-los. Neste sentido, o uso do humor seria mais um mecanismo de defesa dos homens.

As afirmações de uma relação mais restrita dos homens com as *emoções*, realizadas por seis entrevistados, condiz com o que sugerem os estudos sobre emoção e os estudos psicológicos da masculinidade. Ambos salientam a existência de estereótipos emocionais de gênero que dizem como, quando, onde e quais emoções os homens devem expressar. Eles investigam os processos sociais envolvidos na restrição emocional dos homens, dando destaque à constituição da identidade de gênero e à propagação e manutenção dos estereótipos emocionais de gênero.

Segundo Fivush (2000) e Goleman (1995), estudos sobre emoção constataam que os meninos, ao longo do seu desenvolvimento, vão restringindo a expressão da maioria das emoções, exceto as agressivas e mostram-se menos empáticos do que as meninas. Goleman (1995) e Jakupcak et al. (2003) salientam ainda que os homens evitam entrar em contato com as emoções. Este dado também apareceu no relato de alguns entrevistados.

Fivush (2000) e Kyratzis (2001), atentando para a conduta dos pais, observam que desde o nascimento eles expressam menos suas emoções com os meninos, com exceção da raiva. Contudo, como salienta Hess et al. (2000), os pais exercem este comportamento orientado pelos estereótipos emocionais de gênero, como o que sugere que os meninos são menos interessados nas emoções e na expressão destas. Destaca-se que este discurso foi utilizado por três entrevistados para justificar a restrição emocional dos homens.

Os estereótipos emocionais de gênero não influenciam apenas os pais. Os meninos, ao longo de suas vidas, os adotam como orientadores de seu comportamento. Como pontuaram Jakupcak et al. (2003), os homens adeptos a uma ideologia tradicional de masculinidade evitariam entrar em contato com seus

sentimentos e reportariam baixos níveis de intensidade afetiva, a fim de atender aos estereótipos emocionais de gênero.

Considerando que a expressão de muitas emoções seria compreendida como inadequada pelos homens ao longo de seu processo de socialização, supõe-se que eles fariam associações negativas com as emoções. Neste sentido, corrobora-se uma das explicações dos entrevistados para a restrição emocional dos homens: a idéia deles fazerem associação entre emoção e fragilidade. É importante salientar que ao atender os estereótipos emocionais de gênero, os homens favorecem a manutenção e perpetuação das próprias crenças que os orientam para a restrição emocional.

Os estereótipos emocionais de gênero têm conseqüências mais extensas, conforme observado por Jakupcak et al. (2003). O não poder expressar certas emoções desencadeia nos homens outras respostas, como o medo de sentir determinadas emoções. Conforme os autores, pesquisas têm apontado que estas respostas secundárias têm origem na reação negativa da sociedade à emocionalidade dos homens. Salienta-se que o estresse causado pela possibilidade de sentir alguma emoção favorece ainda mais o distanciamento dos homens das próprias emoções.

Badinter (1993), Corneau (1995), Erikson (1950, 1959) e Levant (1996), atentando ao processo intersubjetivo de construção da identidade masculina, salientam que os meninos crescem tendo o pai como exemplo positivo e a mãe como exemplo negativo do que é ser homem. Neste caso, se a emocionalidade é um aspecto da mulher, os meninos a rejeitariam.

Diante das peculiaridades mencionadas no processo de desenvolvimento dos homens, uma questão se faz presente: considerando que o aprendizado depende da experiência e da significação desta experiência, como os meninos, recebendo menos estímulos para trabalhar suas emoções (Fivush et al., 2000; Kyratzis, 2001) e com o incentivo negativo à experimentação das suas emoções (Jakupcak et al., 2003; Badinter, 1993; Corneau, 1995; Erikson, 1950, 1959; Levant, 1996), aprenderiam a reconhecê-las e a nomeá-las? Neste sentido, Nolasco (1993b, 1994) e Levant (1996) sugerem que os homens se tornariam estranhos ao seu próprio mundo emocional. Como pontuou um dos entrevistados, os homens teriam dificuldade de reconhecer, entender e associar suas emoções e as perceberiam como obstáculos, empecilhos.

Giddens (1993), por sua vez, sugere que a restrição emocional dos homens resultaria de uma escolha deles. Para o autor, ao longo do desenvolvimento das sociedades, em busca de poder, os homens se voltaram para as questões objetivas, excluindo-se da transformação da intimidade, ou seja, da comunicação emocional.

Independente da causa, a restrição emocional dos homens acarretaria muitas conseqüências a eles. Dentre elas, destaca-se o aumento da agressão. Segundo Nolasco (1994) e Levant (1996), os homens, inibidos em expressar muitas de suas emoções, transformariam as emoções reconhecidas por eles como vulneráveis em raiva.

Levant (1996) aponta ainda outras conseqüências: os homens desenvolveriam uma *action empathy*, ou seja, a habilidade de se colocar no local do outro e prever o que a pessoa fará; eles também poderiam desenvolver uma leve forma de alexitimia, ou seja, dificuldade de expressar e descrever sentimentos; e deslocariam suas emoções afetivas para a sexualidade.

Como se observa, ao longo do crescimento do menino, restringem-lhe as possibilidades de desenvolver seu lado emocional e lhe orientam o tempo inteiro para não dar atenção a este. Aos poucos, o menino desenvolve seus próprios mecanismos internos que inibem ainda mais seus anseios emocionais. Como salientam Mahalik et al. (2001) e Wong e Rochlen (2005), a restrição emocional dos homens traz conseqüências graves para a própria saúde do homem e para a saúde coletiva, como baixa auto-estima, baixa capacidade de intimidade, alta ansiedade, abuso de substâncias e sintomas psicológicos em geral. Justamente por isso, como observaram Wong e Rochlen (2005), a restrição emocional tem sido um dos principais focos de investigação nos estudos da masculinidade.

Considerando a restrição emocional, questiona-se aqui se a dificuldade de expressão verbal dos homens não seria mais uma conseqüência desta. Supõe-se que a impossibilidade de dar vazão às emoções faça com que muitos processos cognitivos sejam inibidos a fim de manter o controle e impedir que as emoções emerjam. Neste sentido, os homens ficariam presos aos pensamentos concretos, comprometendo a elaboração e expressão de questões mais íntimas, não apenas pela falta de reflexão sobre estas, mas também pelo não desenvolvimento de meios adequados a sua expressão.

A perspectiva acima traz uma nova possibilidade de compreensão da mudança de ênfase mencionada anteriormente. Como a psicoterapia trabalha,

particularmente, com as emoções, aos poucos os homens começariam a reconhecer e a explorar este seu mundo interno e aprenderiam a expressá-lo. Assim, os homens mudariam de ênfase, não por quererem, mas por aprenderem novos meios de expressão, especialmente para suas questões emocionais ao longo do processo psicoterapêutico.

Como salientado anteriormente, as afirmações dos entrevistados sobre os clientes homens evidenciam um dilema: são baseadas em condutas dos homens na clínica ou resultam dos estereótipos de gênero? Como observado na discussão acima, algumas afirmações dos entrevistados correspondem a estereótipos de gênero. Contudo, não há como responder se as afirmações dos entrevistados decorrem de suas crenças sobre gênero ou se os homens realmente exercem estas condutas. Provavelmente, ambos acontecem. Como descreve a Psicologia Social, toda percepção é influenciada por crenças pessoais, as mesmas que orientam o comportamento das pessoas (Rodrigues et al., 2002). E como salienta Courtenay (2000), os homens experimentariam maior pressão social para endossar as prescrições sociais de gênero, e, por isso apresentariam crenças e comportamentos mais estereotipados.

De acordo com Rodrigues et al. (2002), os estereótipos fazem parte do processo cognitivo e consistem em atribuir uma característica similar a um grupo, como forma de facilitar a cognição e orientar o comportamento. Eles estão presentes nas cognições de qualquer indivíduo, não sendo possível isentar-se deles. Quanto aos estereótipos de gênero, segundo Courtenay (2000), são crenças amplamente compartilhadas sobre o que é ser homem e o que é ser mulher. Eles fazem parte de uma complexa rede de influências que ajuda a construir gênero de acordo com a organização sociopolítica dominante.

Neste sentido, a discussão acima permite vislumbrar novamente as influências de gênero sobre as pessoas e sua presença fatídica na clínica psicológica. Salienta-se que a clínica psicológica é um local de construção de significados e os discursos de gênero nesta têm conseqüências singulares. Ou seja, considera-se que a clínica constitui-se com um *locus* particular de construção de gênero.

Segundo Hare-Mustin e Marecek (1988), na clínica psicológica, o

psicoterapeuta tende a favorecer a adaptação do cliente ao sistema social, privilegiando assim os sentidos que estão em conformidade com o sistema explanatório dominante. Contudo, como salientado até aqui, favorecer o sistema de crenças dominante nem sempre é sinônimo de saúde, igualdade e justiça.

A suposta indiferença dos psicoterapeutas para com as questões de gênero implicaria não só em conseqüências políticas – conforme assinalado anteriormente –, mas também em conseqüências para a saúde emocional e física de seus clientes. Como apresentado acima, a masculinidade é responsável por muitas limitações e mazelas dos homens. Os psicoterapeutas que reforçam o sistema de crenças dominantes, ao serem desatentos ou indiferentes a gênero, corroboram para isso.

Como sugerem Hare-Mustin e Marecek (1988) e Rampage e Avis (1998), os psicoterapeutas, atentos às questões de gênero, podem optar por romper com os sentidos dominantes e favorecer os sentidos marginalizados. Desta forma, atentando para as limitações impostas às pessoas pela ideologia de gênero dominante, podem ajudar seus clientes a superá-las; ou esclarecendo a ideologia e a hierarquia de poder existentes por trás das metáforas culturais sobre as relações de gênero, podem conseguir diminuir a desigualdade na relação de casal ou familiar de seus clientes, contribuindo, assim, para a maior liberdade de ação e escolha de seus clientes, para a redução das injustiças e desigualdades de gênero nas relações e para a saúde individual e coletiva.

### **7.2.2**

#### **As relações de gênero**

*As relações de gênero* (7.1.4), segundo os entrevistados, estão mudando. Contudo, para sete deles, elas ainda são desiguais. Sete entrevistados também consideram que os homens e as mulheres continuam sendo criados para exercer funções tradicionais, como o prover e a maternagem, respectivamente. Estas perspectivas sobre as relações de gênero condizem com as pontuações de Biasoli-Alves (2000) de que embora no espaço público a mulher tenha ganho mais direitos e igualdade, no âmbito privado a organização familiar alterou-se muito pouco, mantendo-se homens e mulheres ainda muito vinculados às funções tradicionais da família patriarcal.

Para todos os entrevistados e para autores como Boechat (1997), Ulson (1997), Nolasco (1994) e Jablonski (1995, 1998), cada vez mais homens e

mulheres estão rompendo com a tradição e compartilhando funções. Contudo, como salientou uma das entrevistadas, a atitude de compartilhar funções do sexo oposto tem sido muito maior por parte das mulheres. Segundo Jablonski (1995; 1998) e Nolasco (1995a, 1998), embora a mulher tenha entrado no mercado de trabalho e dividido com os homens o papel da provisão, em casa, ela continua sendo a principal responsável pela maternagem e pelos cuidados domésticos, mantendo-se o homem à parte disso.

Segundo D’Incao (1996), embora muitas mudanças tenham ocorrido na família brasileira, especialmente no último século, a sociedade brasileira continua sendo patriarcal. Os homens não precisam compartilhar todas as funções como as mulheres, pois eles continuam sendo figura de autoridade na família e no espaço público, ou seja, eles continuam detendo o poder. Neste sentido, conforme sugere Nolasco (1993b), a situação não se apresenta tão insustentável para os homens a ponto de realizarem uma revolução masculina, conforme anseiam as mulheres.

O relato dos dois entrevistados sobre inversões de posturas entre homens e mulheres merece destaque. Além de ilustrar a concepção binária de gênero dos entrevistados, ao declararem que as mulheres assumiram condutas masculinas e vice-versa, demonstra o quanto gênero é um acordo que reside nas interações sociais. Conforme salientado por West e Zimmerman (1987) e Bohan (1993), gênero é um processo em constante andamento e não algo estático, como propõem as perspectivas essencialistas e as teorias de papel social.

Como sugerem os construtivistas, gênero é uma construção cultural, é uma significação produzida sobre o sexo biológico. A masculinidade e a feminilidade, por sua vez, são conceitos relacionais e reativos, ou seja, definem-se e reagem um ao outro, e não sendo absolutos, apresentam-se em múltiplas formas. Esta perspectiva de gênero é facilmente observada no discurso dos entrevistados referidos acima, pois elas evidenciam o quanto as pessoas, independente do sexo, podem assumir funções e valores considerados masculinos ou femininos. Se gênero fosse uma essência, isso não seria possível.

A maior flexibilidade de funções entre os cônjuges, rompendo com a tradição, tem trazido muitos questionamentos às pessoas, muitos conflitos e aumentado a competição, segundo os entrevistados. Para Boechat (1997), isto ocorreria pelo fato de homens e mulheres estarem compartilhando cada vez mais as mesmas funções, o que geraria confusão e os levaria a disputar posições

idênticas no mercado e em casa. Ulson (1997) e Nolasco (1994) têm um ponto de vista parecido, porém para eles a sociedade está cada vez mais fálica. Os autores observam que hoje há uma maior adesão das mulheres aos valores masculinos como extroversão, objetividade, agressividade, racionalidade. Além disso, elas estariam adotando os mesmo objetivos que eles: realização profissional e independência financeira. Ambas as condutas propiciam a desvalorização dos valores femininos como paciência, tolerância, delicadeza e compreensão, além da desocupação e desvalorização da vida doméstica. Esta situação seria responsável pelo aumento da competição e dos conflitos entre homens e mulheres, segundo os autores.

Supõe-se aqui que a desvalorização de funções e valores femininos tradicionais desfavoreça ainda mais a adesão a estas por parte dos homens. Neste sentido, dificulta-se qualquer transformação na masculinidade ou nas relações e gênero.

*Os homens diante das mudanças nas relações de gênero*, segundo oito entrevistados, apresentam-se confusos. Cinco entrevistados sugerem que os homens estão sofrendo com as mudanças nas relações de gênero, principalmente, pela perda de poder.

Apesar do estado de confusão e sofrimento, para nove entrevistados, *a reação dos homens às mudanças nas relações de gênero* tem sido de adaptação. Observou-se, no entanto, ao longo das entrevistas, relatos que contrariam a idéia de adaptação dos homens às mudanças nas relações de gênero: queixas quanto à emancipação sexual e financeira da mulher; expressão de desejos ambíguos, isto é, o desejo de ter ao mesmo tempo uma mulher emancipada e dedicada ao lar; uso do poder econômico e da violência como forma de subjugar a mulher. A utilização pelos homens de vários subterfúgios, como o poder físico ou financeiro, para sustentar o *status quo* e a tradicional dinâmica das relações de gênero, sugerem resistência em aceitar mudanças na atual organização sociopolítica de gênero.

As afirmações acima, sobre as reações dos homens às mudanças nas relações de gênero, condizem com as observações de Giddens (1993), Jablonski (1995) e Nolasco (1995a). Segundo os autores, os homens estão desorientados e sofrendo com as recentes mudanças nas relações de gênero. Não sabendo como agir, eles se aferram aos poucos referenciais que lhes restam, ou seja, aos

estereótipos tradicionais de gênero, que valorizam a virilidade, a posse, o poder, a assertividade e a competitividade sexual.

Jablonski (1995) e Nolasco (1995a) pontuam que, de fato, há alguns homens esforçando-se para se adequar às mudanças nas relações de gênero, mas, de uma forma geral, os homens ainda se mostram resistentes, adeptos aos valores masculinos tradicionais e buscando sustentar o *status quo*. O que se passaria com os homens, segundo Nolasco (1993b), é uma crise da masculinidade, ou seja, uma forma ultrapassada de resolver problemas.

Segundo Cuschnir (2002), os homens estariam sofrendo com as mudanças sociais, especialmente por estarem percebendo a redução de seu poder e autoridade, tanto no âmbito privado como no público. Segundo o autor, os homens não detêm mais a autoridade total na família e nem o poder soberano no campo intelectual, profissional e econômico.

Mas o sofrimento dos homens não se deve só a isso. Como salientado no capítulo 4, os homens estão perdendo seus referenciais identitários tradicionais com as recentes transformações sociais. Além dos movimentos feministas que conseguiram para a mulher maior autonomia e igualdade, diminuindo o poder dos homens e sua autoridade no âmbito público e privado, a revolução tecnológica, substituindo a força pelo talento, tem facilitado ainda mais a consolidação da presença das mulheres no mercado de trabalho, destituindo o homem da função de único provedor. Como se os estudos feministas já não tivessem derrubado muitos pressupostos masculinos, os estudos da masculinidade, que vieram em seguida, afirmando a masculinidade como problemática, colocaram em dúvida os poucos pressupostos que restavam aos homens. Os movimentos homossexuais e o *Queer Studies*, que surgiram posteriormente, por sua vez, revelando a construção cultural da heterossexualidade, questionaram a patologização de outras formas de expressão sexual e têm ameaçado um dos referenciais identitários mais valorizados pelos homens, a heterossexualidade / homofobia.

A globalização, segundo Ulson (1997), é outro movimento desestruturador da masculinidade tradicional. A miscigenação dos povos e de seus valores culturais, junto com a presente exacerbação do novo, tem acarretado, segundo o autor, a perda e a desvalorização dos referenciais identitários tradicionais.

No contexto de fragmentação da tradição, observa Giddens (1993), a auto-reflexão, o projeto reflexivo do eu se torna fundamental. Não havendo mais

referenciais identitários externos, não havendo mais um modelo a seguir, os homens são obrigados a negociar constantemente opções de estilos de vida; a se definirem a todo instante. Conforme Giddens (1993), o homem sempre buscou sua auto-identidade no exterior, porém, como a modernidade segue em direção à criação de sistemas internamente referências, eles estão sendo obrigados a refletir sobre suas funções, seja para reafirmá-las ou para transformá-las.

Considerando o caráter auto-reflexivo da sociedade contemporânea (Giddens, 1993) e a restrição emocional dos homens (Giddens, 1993; Levant, 1996; Nolasco, 1993b, 1994), cogita-se aqui se os homens têm os instrumentos necessários à adaptação nesta sociedade de constante negociação, onde os referenciais se tornam internos. Nesse sentido, as reações dos homens às mudanças nas relações de gênero pontuadas anteriormente, poderiam ser, além de uma possível resistência – presente a qualquer mudança que implica em perda de poder –, uma possível inaptidão dos homens em adaptação devido à falta de instrumentos adequados.

Retomando as *relações de gênero*, metade dos entrevistados mencionou como os homens são muito mais exigidos socialmente do que as mulheres. Conforme apresentado no capítulo 4, os estudos da masculinidade vêm salientando que ser homem implica num conjunto de condutas e esforços que não são exigidos das mulheres. Estudiosos observam que os homens vivem sob demandas muitas vezes contraditórias e inalcançáveis, responsáveis por muitas das suas mazelas (Badinter, 1993; Connell, 1995; Courtenay, 2000; Jablonski, 1995; Levant, 1996; Nolasco, 1995a).

Porém, numa visão construtivista, conforme salienta Courtenay (2000), os homens não são vítimas passivas das imposições que lhes são impostas pela sociedade. Eles são agentes no construir e reconstruir as normas dominantes da masculinidade, sendo co-responsáveis pelas exigências que lhes são impostas. Como pontuaram Badinter (1993) e Costa (2002), descrever os homens como vítimas ignora a dominação masculina e diminui as exigências de mudança sobre os homens quanto à dinâmica de poder.

Mudanças nas relações de gênero, conforme oito entrevistados, e de acordo com os estudos de Connell (1995), Cuschnir (2002) e Nolasco (1993b; 1994), trariam muitos benefícios aos homens. Abrindo mão da hegemonia masculina, os homens não teriam mais que pagar pelos altos custos que esta posição impõe,

sofrieriam menos problemas físicos e emocionais; poderiam viver experiências e prazeres que não lhes são permitidos no sistema patriarcal, como cuidar de recém-nascidos e crianças, expressar as emoções livremente e ampliar suas relações afetivas.

Quanto à reação *das mulheres diante das mudanças nas relações de gênero*, três entrevistados afirmaram que elas estariam sofrendo muito com a atual situação, especialmente por estarem acumulando funções. Este discurso condiz com as pontuações de Jablonski (1998) sobre a situação das mulheres na sociedade atual.

Jablonski (1998) comenta, ainda, um outro agravante do sofrimento das mulheres: a contradição que elas vivem com a exaltação social de igualdade entre os sexos, mas que na prática não ocorre. Conseqüentemente, neste contexto, as exigências das mulheres sobre os homens aumentam, especialmente para que eles se mostrem mais presentes e participativos em casa. Elas demandam, segundo o autor e conforme ilustrado pela fala de entrevistados, que os homens dividam com elas as tarefas femininas tradicionais.

As exigências das mulheres para que os homens sejam tão bem sucedidos e instruídos como elas, conforme pontuado por um entrevistado, podem ser compreendidas como uma resposta das mulheres à estrutura desigual. Supõe-se que se a mulher se esforça para melhorar de vida, realizando múltiplas funções - estudando, trabalhando fora e em casa, cuidando de filhos, ela se questionaria sobre como seu parceiro, que realiza um número menor de atividades, não consegue acompanhá-la.

Observa-se no entanto, como salientaram dois entrevistados, que embora as mulheres sejam as mais interessadas nas mudanças masculinas, elas também não estão dispostas a uma total revolução nas relações de gênero. Elas não querem abrir mão de antigos privilégios, como, por exemplo, o não ter que prover. Conforme Ulson (1997), embora as mulheres estejam se emancipando, muitas delas sonham nostalgicamente com os antigos privilégios de uma vida protegida, voltada para a família e para a maternagem.

Cogita-se aqui se a resistência das mulheres em abrir mão de seus antigos privilégios não seria também uma reação delas às relações de gênero desiguais. Considerando que as mulheres compartilham as funções consideradas masculinas, enquanto a recíproca não é verdadeira, não esperariam elas que pelo menos as

poucas funções que os homens exercem fossem feitas por completo e/ou adequadamente? Neste sentido, supõe-se que se os homens se limitam à função de provedores, as mulheres, por revanchismo, não aceitariam compartilhar as contas. Salienta-se, porém, que a resistência das mulheres em abrir mão de certos privilégios reforça a ideologia tradicional masculina e dificulta qualquer alteração de conduta dos homens, bem como o alcance de uma maior equidade nas relações.

### Temas mais comuns na clínica com homens

Como observado na análise, embora emergjam questões sobre o trabalho, as questões afetivas constituem o tema mais comum na psicoterapia com homens. Isto pode estar relacionado ao fato da psicoterapia trabalhar particularmente com as emoções e pela dificuldade que os homens têm em falar sobre questões de intimidade com outras pessoas da sua rede de relacionamentos, conforme mencionado anteriormente (Connell, 1995; Nolasco, 1993b).

Sob a temática das *relações amorosas*, que os entrevistados referiram-se como sendo relações heterossexuais, constatou-se que a infidelidade é um assunto muito discutido, segundo seis entrevistados. Como observado no capítulo 5, o concubinato fazia parte da família patriarcal, como forma alternativa de satisfação diante do casamento arranjado. Como pontuado por Azevedo (1961), o duplo padrão de moralidade que permitia aos homens uma ampla liberdade sexual, enquanto as mulheres deviam ser puras e virgens, predominava na família patriarcal. Devido aos casamentos serem por conveniência, a satisfação sexual era realizada com outras parceiras. Embora mudanças tenham ocorrido na família brasileira nos últimos séculos, como sugere D’Incao (1996), os valores familiares continuam pouco inalterados. Neste sentido, a traição talvez seja ainda uma prática valorizada pelo homem brasileiro. Giddens (1993), Jablonski (1995) e Nolasco (1995) corroboram esta perspectiva ao salientarem como os homens, por não saberem como agir diante das mudanças nas relações de gênero, se arraigam à ideologia tradicional da masculinidade.

Além disso, como salientado por Badinter (1993), Connell (1995) e Nolasco (1993b), a masculinidade não é tacitamente aceita como a feminilidade; o homem precisa provar constantemente que é homem. Conforme Fry e MacRae (1983), Costa (1986) e Goldenberg (1991), a frequência sexual é um fator importante na confirmação da identidade masculina. Especialmente por favorecer um dos

valores da ideologia masculina dominante, a homofobia (Connell, 1995; Nolasco, 1993b).

Supõe-se, então, que além da infidelidade por parte dos homens ser tradicionalmente reconhecida, a preservação da ideologia tradicional masculina a favorece. Contudo, os questionamentos sobre a infidelidade exercidos por clientes homens, segundo os relatos de entrevistados, sugerem tentativas de romper com o modelo tradicional de masculinidade. Como pontuou Nolasco (1993b), os homens estão buscando, cada vez mais, formas alternativas de subjetividade, distanciando-se dos modelos sexistas.

As queixas dos homens sobre a dificuldade de encontrar uma pessoa “adequada” podem ser compreendidas como uma forma de atribuir ao outro a responsabilidade pela própria dificuldade de se relacionar amorosamente. Entre os possíveis fatores que estariam relacionados com a dificuldade dos homens em se relacionar amorosamente e com as questões de frustração com a relação e com a parceira destacam-se: a vinculação a um modelo tradicional de gênero; o ideal de amor romântico; o individualismo ascendente; o maior compartilhamento de funções; o assédio das mulheres; a maior liberdade sexual.

As justificativas dos homens de que as mulheres estão pouco criteriosas na escolha dos seus parceiros, se relacionando com muitos homens ou que elas não são mais tão controláveis como antigamente sugerem rejeição à emancipação sexual e financeira da mulher. Considerando, conforme pontuado anteriormente, que os valores da família brasileira continuam pouco inalterados (D’Incao, 1996) e os homens continuam recorrendo ao modelo de masculinidade tradicional (Nolasco, 1993b, 1995a; Jablonski, 1995), pode-se supor que os homens continuariam buscando a mulher submissa, casta e virgem da família patriarcal.

Segundo Féres-Carneiro (1996), o ideal de amor romântico vem sobrecarregando as relações e prejudicando o nível de satisfação que ela possa oferecer. As pessoas estendem a insatisfação pessoal ao fracasso da relação e renunciam a ela e não ao ideal romântico. Neste sentido, as pessoas terminam as relações por não aceitarem permanecer com alguém que não atenda suas expectativas românticas.

Boechat (1997) e D’Incao (1992), por sua vez, salientam que a cultura moderna é individualista. As pessoas não compartilham mais atividades, sentimentos, expectativas ou projetos, que são necessárias à união do casal e da

família. Segundo Boechat (1997), as pessoas querem amor, mas não querem o sacrifício que lhe é inerente.

Deve-se considerar também, conforme assinalado por Boechat (1997), Ulson (1997) e Nolasco (1993b), o aumento dos conflitos e da competitividade entre homens e mulheres com o maior compartilhamento de funções entre eles, no trabalho e em casa. Este contexto não favorece as relações amorosas e, segundo Nolasco, seria responsável por provocar uma descrença generalizada de homens e mulheres na vida a dois.

O maior assédio das mulheres, ao mesmo tempo em que é rejeitado pelos homens, pois as mulheres fogem ao modelo tradicional, os agrada. Segundo o relato de uma entrevistada, os homens não precisam mais realizar grandes atos para conquistar uma mulher, conseguindo se relacionar sexualmente com um grande número delas. A facilidade em se relacionar sexualmente é favorável ao processo de validação da identidade masculina, conforme mencionado anteriormente (Connell, 1995; Costa, 1986; Fry e MacRae, 1983; Goldenberg, 1991; Nolasco, 1993b). Neste sentido, a maior disponibilidade das mulheres dificultaria ainda mais aos homens aderirem a uma relação amorosa, pois comprometer-se supõe abrir mão de várias outras relações sexuais.

Os movimentos homossexuais, conforme assinalado por dois entrevistados, tornaram as relações interpessoais mais complexas. De fato, os movimentos homossexuais abriram mais uma possibilidade para o exercício da sexualidade e estão derrubando um dos pilares da identidade masculina, a heterossexualidade. A maior visibilidade da homossexualidade tem aumentado a desconfiança sobre a opção sexual das pessoas, conforme mencionado por uma entrevistada. Salienta-se que a desconfiança quanto à opção sexual pesa mais sobre os homens, pois a homofobia está presente na ideologia masculina dominante, conforme pontuaram Connell (1995) e Nolasco (1993b). Neste contexto de desconfiança, pode-se supor que os homens heterossexuais se vinculariam e exerceriam ainda mais o padrão tradicional de comportamento masculino, como forma de evitarem suspeitas sobre sua masculinidade.

Sob a temática das *relações familiares*, a presença de queixas sobre a divisão de contas e das tarefas domésticas na clínica com homens, ilustra os conflitos decorrentes das recentes mudanças nas relações de gênero. Como pontuado anteriormente, a entrada da mulher no mercado de trabalho, dividindo

com o homem a função de provedor, e a resistência dos homens em dividir com as mulheres suas funções tradicionais, como o cuidado com a casa e com os filhos, têm gerado muitos conflitos nas relações familiares e de casal (Família, 1998; Giddens, 1993; Jablonski, 1995; Nolasco, 1995).

Quanto à correlação positiva entre renda e poder na relação, observada no discurso de alguns entrevistados, supõe-se que esta decorra do sistema capitalista e globalizado em que homens e mulheres estão inseridos e pela maior adesão das mulheres aos valores masculinos, conforme pontuado anteriormente (Boechat, 1997; Nolasco, 1993b; Ulson, 1997).

A emergência de questões sobre a paternidade, como preocupações com o bem estar dos filhos, o desejo de estreitar a relação afetiva com eles, a dificuldade em lidar com o crescimento deles, podem ser um reflexo das recentes mudanças nas relações de gênero, que têm permitido aos homens saírem do lugar de provedor e autoridade suprema para mostrarem-se afetivos e zelosos. Como pontuou Cuschnir (2002), com o feminismo, o homem ganhou espaços afetivos mais amplos, suas relações familiares, conjugal e parental foram ampliadas. O autor também salienta que o maior exercício da paternidade é responsável pelo progresso afetivo dos homens e pode ser um grande motivador do processo de mudança da masculinidade. Para ele, a paternidade permite uma troca afetiva que ajudaria os homens a preencherem suas necessidades emocionais, facilitando qualquer transformação.

Condutas das mulheres em inibir o exercício mais amplo da paternidade, conforme salientado por três entrevistados, podem ser compreendidas como resultantes das relações de gênero desiguais. Como se observa no capítulo 5, na história da família brasileira, o pai foi durante muito tempo a figura de autoridade suprema e de provisão, enquanto a mãe detinha o domínio emocional na estrutura familiar e era responsável pelo bem estar dos membros da família e das relações sociais desta (Candido, 1951). Ou seja, as mulheres, no âmbito privado, detinham um poder específico. Contudo, devido mudanças sociais e econômicas as mulheres entraram na vida pública, garantindo-lhes maiores direitos e igualdade, e dividindo com os homens suas funções. Os homens, por sua vez, foram perdendo cada vez mais poder, tanto no âmbito público como no privado e se mostram resistentes em adotarem as funções consideradas femininas (Giddens, 1993; Jablonski, 1995; Nolasco, 1995).

Conforme pontuou D’Incao (1996), embora mudanças tenham ocorrido na família brasileira, ainda se trata de uma família patriarcal. Ou seja, embora as mulheres estejam somando funções, inclusive funções consideradas masculinas, não conseguem total igualdade de direitos e nem a adesão dos homens a suas funções. Diante deste quadro, supõe-se que a conduta das mulheres de não favorecer o exercício da paternidade de uma forma mais ampla pode decorrer do desinteresse delas em abrirem mão de um dos poucos ambientes que dominam, a família.

Considerando também que, diante dos valores familiares que continuam pouco inalterados (D’Incao, 1996), bem como as atividades das mulheres dentro desta (Biasoli-Alves, 2000), a maternagem há muito tempo é considerada uma função feminina e, por isso, teria valor significativo na constituição da identidade feminina. Neste sentido, supõe-se que não seja fácil às mulheres compartilharem tal função com os homens, especialmente num contexto de desigualdades, onde não são todas as atribuições desta função que os homens parecem querer exercer (Família, 1998; Jablonski, 1998)

Preocupações com a própria conduta violenta, segundo dois entrevistados, são comuns na clínica com homens. A violência por parte dos homens, como mencionado anteriormente, pode surgir diante da dificuldade de expressão verbal dos homens, como forma de se fazer entender (Levant, 1996; Nolasco, 1993b, 1994) e diante das mudanças nas relações de gênero, como forma de se impor a uma mulher não mais submissa (Giddens, 1993; Jablonski, 1995, Nolasco, 1993b, 1994).

Conforme Nolasco (1993b, 1994), a violência por parte dos homens pode ser também uma consequência da atual decadência do modelo de representação da masculinidade tradicional e da ausência de um outro legitimado e reconhecido socialmente. O homem desorientado busca sustentar a organização que conhece, rejeitando, assim, qualquer conduta que fuja a esta. Como a imposição pela força física faz parte de seu repertório tradicional, ele a empregaria.

Nolasco (1993b, 1994) salienta também o processo de socialização dos meninos como incentivador de condutas agressivas por parte dos homens. Os meninos são direcionados, ao longo do seu desenvolvimento, para a ação, para a conquista, para serem combativos, competitivos. Ou seja, os homens vivem sob constantes exigências de desempenho, as quais lhes produzem um alto estado de

tensão. Soma-se a isto a restrição emocional que lhes é imposta e lhes tira a possibilidade de expressar sua tensão e angústia de formas mais adequadas (Giddens, 1993; Levant, 1996; Nolasco, 1993b, 1994).

Assim, além da violência ser legitimada no processo de socialização dos meninos, ela seria uma resposta dos homens ao seu despreparo em lidar com as mudanças nas relações de gênero e uma consequência de sua restrição emocional e de sua dificuldade de expressão verbal. Contudo, considerando a forma como os entrevistados mencionaram que emergem os discursos dos homens sobre violência na clínica, ou seja, como preocupação com os próprios atos violentos contra familiares, supõe-se que os homens estão cogitando seu comportamento agressivo e buscando romper com o modelo tradicional de masculinidade. Como pontuou Nolasco (1993b), os homens estão cada vez mais conscientes dos conflitos e tensões impostos pelo machismo e, com isso, reconhecendo suas reais necessidades afetivas.

Sob a temática do *trabalho*, as queixas dos homens quanto à competitividade, mencionadas por quatro entrevistados, podem ser compreendidas como consequência da situação de vida numa sociedade capitalista e globalizada. Como pontua Ulson (1997), a queda das barreiras alfandegárias e entrada da mulher no mercado de trabalho têm intensificado as exigências profissionais sobre os indivíduos, assim como a competitividade. Salienta-se que a adesão das mulheres aos valores masculinos potencializa esta situação, assim como a resistência dos homens em aderir às funções consideradas femininas.

O aumento da competitividade no mercado de trabalho, faz supor que as pessoas tenham que se submeter a condições insatisfatórias para manter o emprego. Esta suposição pode ser uma das possíveis explicações para as queixas de insatisfação com o trabalho pelos homens na clínica, segundo comentários de seis entrevistados.

O contexto de trabalho descrito acima, por sua vez, pode ser compreendido como uma das possíveis razões para as preocupações de clientes homens com a qualidade de vida, conforme mencionadas por dois entrevistados. Segundo Ulson (1997), o sistema econômico exige mais trabalho dos adultos, que permanecem mais tempo fora de casa e menos tempo em contato com a família. A qualidade de vida vem decaindo e com ela a qualidade das relações. Pode-se supor, também, que as mudanças nas relações de gênero e o conseqüente despertar dos homens

para as relações afetivas familiares (Cuschnir, 2002) intensifiquem as preocupações deles com a qualidade de vida.

A discussão acima permitiu vislumbrar as mudanças que estão ocorrendo nas relações de gênero, algumas de suas conseqüências e a reação de homens e mulheres a tais mudanças, segundo os entrevistados. Diversos movimentos sociopolíticos nas últimas décadas ao mesmo tempo em que têm favorecido a maior igualdade entre homens e mulheres, também têm produzido muitos conflitos entre eles.

Observa-se, hoje, uma maior flexibilidade na conduta de homens e mulheres, que estão compartilhando funções antigamente restritas a apenas um dos sexos. Contudo, a maior liberdade no exercício de funções, ao que parece, tem aumentado os conflitos e a competitividade entre os sexos, tanto no âmbito privado como no público.

Ao romper com a conduta tradicional e realizar atividades do outro sexo, homens e mulheres trazem novas questões uns aos outros sobre como agir. Não havendo mais um padrão a seguir, eles precisam negociar a todo instante suas funções. O maior diálogo entre homens e mulheres, ao mesmo tempo em que é positivo, pois lhes permite vivenciar experiências que antes não lhes eram autorizadas, também é marcado por muita confusão e conflitos.

Como observado no relato de entrevistados, os homens não se apresentam tão flexíveis na adesão a funções atribuídas ao sexo oposto como as mulheres. Eles estariam resistentes às mudanças nas relações de gênero, não compartilhando das funções tradicionais femininas e sustentando e reiterando o modelo tradicional de masculinidade. Como sugerido na discussão, a conduta dos homens de apego à tradição pode ser tanto conseqüência de seus interesses em manterem a hegemonia, com uma possível inaptidão deles em viverem numa sociedade de alta-reflexão e negociação.

Salienta-se, no entanto, que alguns comentários dos entrevistados sobre as relações de gênero e os clientes homens sugerem que os modelos tradicionais de gênero estão sendo questionados. Os homens, que segundo a discussão sobre as relações de gênero, mostram-se mais resistentes às mudanças, estariam repensando o modelo tradicional de masculinidade e procurando romper com ele.

Com homens e mulheres compartilhando cada vez mais as mesmas funções,

em casa e na vida pública, a competitividade aumenta, não apenas entre eles, mas também entre pessoas do mesmo sexo. Destaca-se que a competitividade se intensifica, principalmente, pelo fato de homens e mulheres estarem adotando o mesmo sistema de valores, o masculino.

A resistência dos homens em aderir às funções femininas tradicionais favorece a desigualdade nas relações de gênero. Mas os homens não são os únicos a propiciar tal situação. Como observado na discussão, as mulheres também se mostram resistentes em abrir mão de certas funções tradicionais, supostamente por estas garantirem seus antigos privilégios ou por terem grande importância na constituição de sua identidade de gênero.

Homens e mulheres estariam sofrendo no atual contexto das relações de gênero, segundo entrevistados. Contudo, embora mudanças nas relações de gênero sejam favoráveis a ambos - garantindo a eles maiores direitos e igualdade, libertando-os das restrições impostas pelo sistema tradicional de gênero -, como observado nos relatos dos entrevistados, a conduta de apego à tradição, por homens e mulheres, seria responsável pela manutenção de desigualdades nas relações de gênero e dificultaria qualquer transformação mais ampla da feminilidade e da masculinidade.

Como se pode observar na discussão sobre *os temas mais comuns na clínica com homens*, gênero entrecruza-se praticamente com a maioria das questões apresentadas por eles. A presença de questões de gênero no âmbito das relações amorosas, familiares e de trabalho ilustra mais uma vez o quanto gênero influencia a vida das pessoas e está presente na clínica psicológica.

Considerando a presença de gênero na clínica e o trabalho de significação realizado pelos psicólogos clínicos, a clínica se revela um lugar privilegiado no processo de produção de gênero, podendo servir tanto para produzir novos significados como reafirmar significados tradicionais.

No entanto, como salienta Nolasco (1993b), a mudança das relações de gênero não depende somente de um movimento interno de cada indivíduo, mas também de um movimento coletivo que repense o sistema político e social entre homens e mulheres.

Como salientado na discussão sobre *gênero na clínica*, toda prática é um ato político e a psicologia não escapa a isso. Os psicoterapeutas atentos às implicações de gênero em sua prática clínica podem favorecer tanto

transformação da masculinidade e da feminilidade nos indivíduos, como o processo político e social de mudança das relações de gênero.

Neste sentido, ressalta-se novamente a importância dos psicólogos clínicos voltarem sua atenção para gênero, incluindo-o em suas discussões e análises, refletindo sobre ele e engajando-se em trabalhos transdisciplinares para ampliar sua percepção das implicações de gênero na vida de seus clientes e em sua prática clínica.